

A verdade nos tempos da insolidiez

Truth in Times of Non-solidity

RODRIGO PORTELLA*

Resumo: O conceito do que chamamos verdade, tanto no campo acadêmico como no campo doutrinário do cristianismo, é questão tantas vezes polêmica. Enquanto filosofias contemporâneas aludem a que a realidade seja um constructo humano, tornando-a relativa e insubstancial, tradicionalmente o cristianismo sempre entendeu que há verdades fundamentais, tanto na ordem da natureza – lei natural – como na ordem da graça – verdades sobrenaturais. Contudo, quais as consequências que a Igreja, hoje, tira de sua tradicional compreensão sobre a verdade para sua pastoral e missão? E a teologia, ao se debruçar sobre as doutrinas católicas, ainda entende os dogmas da fé de forma ortodoxa, como verdades inalienáveis? O presente artigo quer chegar-se a tais questões realizando breve e livre reflexão sobre o conceito e realidade da verdade e, inspirado na obra e pensamento de Gustavo Corção, buscar compreender como hoje, particularmente na Igreja e em sua ação pastoral, a questão da verdade tem se tornado um problema de fundo para a própria compreensão que a Igreja tem de si e de sua missão.

Palavras-chave: Verdade. Gustavo Corção. Igreja Católica. Realidade. Missão.

Abstract: The concept of what we call truth, both in the academic field and in the doctrinal field of Christianity, is often a controversial issue. While contemporary philosophies allude to reality being a human construct, making it relative and insubstantial, Christianity has traditionally understood that there are fundamental truths, both in the order of nature – natural law – and in the order of grace – supernatural truths. However, what consequences does the Church draw today from its traditional understanding of truth for its pastoral work and mission? And does

* Rodrigo Portella é Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor Associado ao Departamento de Ciência da Religião e ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF. Contato: rodrigo@portella.com.br

theology, when examining Catholic doctrines, still understand the dogmas of faith in an orthodox way? This article aims to address these issues by briefly and freely reflecting on the concept and reality of truth and, inspired by the work and thought of Gustavo Corção, seek to understand how today, particularly in the Church and its pastoral action, the question of truth has become a fundamental and fundamental problem for the Church's understanding of itself and its mission.

Keywords: Truth. Gustavo Corção. Catholic Church. Reality. Mission.

*Em memória de Gustavo Corção*¹

Introdução

O presente texto destoa algo de artigos geralmente enviados a revistas acadêmicas. O que aqui se apresenta não é tanto o resultado de uma pesquisa

¹ Gustavo Corção (1896-1978) é um daqueles escritores malditos (literalmente: mal ditos) por todos os lados. Não pretendo fazer juízos a respeito de suas posições políticas durante o regime militar instaurado, em 1964, no Brasil (“quem estiver sem pecado, que atire a primeira pedra”, Jo 8, 7), mas é certo que a partir da década de 70, foi, gradativamente, considerado *persona non grata* e proscrito dos meios intelectuais civis, acadêmicos e eclesiais, e seu destino – e de sua obra – foi o ostracismo. Hoje, as novas gerações dos citados meios não o conhecem, ou melhor, se o conhecem, é de oitiva que o conhecem, de ouvir que foi ele um reacionário, ou coisa que o valha. Sim, os rótulos são cruéis verdugos. Ou seja, o conhecem por pré-conceito, não por leitura e reflexão próprias. Contudo, a época atual é de ressurreições, boas e ruins. O primeiro a ressuscitar, como primícias de profecias, foi Nelson Rodrigues, também autor polêmico e tido por reacionário (quem rotula essa gente? A partir de que lugar e de quais interesses?), que conseguiu atravessar o túmulo das censuras e se tornar autor meio *pop* em rodas intelectuais. Chegou, agora, a vez de Corção dançar as censuras dos círculos acadêmicos e eclesiais bem presentes que o sepultaram a mais de sete palmos de fundura? Penso que a comparação com o Nelson não se justifica tão bem, posto que seu meio de atuação foi mais restrito, mais especificamente católico. Porém, Corção vai ressurgindo, aos poucos, como alguém em que se descobrem palavras sãs, de bom senso, autorizadas, ainda que adstritas, em parte, a determinados contextos e sensibilidades existenciais em relação a eles. Mas – para além de contextos e idiossincrasias específicos –, há em Corção uma luz e sabedoria que se mostram independentes de contextos, e que são sinais de estrela polar, de bússola, de norte a nos colocar de pé novamente. Para os que não o conhecem – ou o conhecem “de ouvir dizer”, e mal –, só posso aconselhar sua leitura, a começar pelos seus primeiros e icônicos livros, bem como seus sensíveis artigos na antiga *A Ordem* (tudo isso até cerca de 1965), para depois lutar com seus últimos escritos, já agônicos, após 1965. A leitura atenta de Corção saberá por tê-lo como herdeiro da verve de León Bloy e da fina lucidez de Gilbert Chesterton. Quem sabe que, como Joana D’Arc, condenada às fogueiras políticas e eclesiásticas do passado, não seja também Corção – daqui há mil anos, talvez –, compassivamente compreendido e amado?

específica – são poucas as referências bibliográficas nele² –, ou algo que o valha, mas reflexão sobre o que, penso, deveria ser o próprio fundamento, razão de pesquisar: a questão da verdade. E tanto mais é tema imprescindível quando se debruça sobre a religião – aqui, o catolicismo – e perguntamo-nos: e as verdades cristãs, ainda estão de pé para os seus? Tem gozado de boa saúde?

Então, por que um artigo a refletir sobre o conceito *verdade*? Por duas razões básicas – além de todas as outras possíveis – é que introduzo o assunto – e, de fato, é curta e insuficiente introdução. Primeiramente por uma questão, justamente, relativa à Academia, isto é, os estudos e pesquisas acadêmicos – particularmente naquele campo que nos acostumamos a chamar de ciências humanas – visam alcançar, revelar e sublinhar alguma verdade – ao menos a partir da conceituação de verdade que se seguirá nas linhas adiante?³ Pois, se não for este o objetivo fundamental, então qual a razão do estudo e da pesquisa?

Já a segunda razão é, por óbvio – não seria também por óbvio no caso dos estudos acadêmicos? –, o fato de que as tradições religiosas – catolicismo incluso – costumam creditar como verdades aquilo que transmitem. Portanto, tanto para a Academia e suas pesquisas, como para a religião, o esclarecimento sobre a questão da verdade não só se apresenta útil, como fundamental, mesmo a primeira coisa a ser esclarecida antes de se adentrar em ambos os campos do viver e do saber.

Por fim, é importante saber que o condão, o espírito a nos guiar nas linhas que se seguem é o de Gustavo Corção, embora o presente texto não tenha a pretensão de ser intérprete especializado do pensamento de Corção, mas, de toda forma, não deixa de ser tributário dele. Portanto, não é artigo sobre o pensamento de Corção, mas que coincide, aqui, ali e acolá, com sua visão sobre a religião, em que pese minha própria visão, sem dúvida mais turva e precária do que a do mestre do Cosme Velho, sobre os assuntos presentes neste opúsculo.

² “Nem só de referências bibliográficas viverá o *homo academicus*, mas também de toda reflexão sua que se torna palavra”, poderia ter dito o mestre galileu? Por sorte ele não precisou lidar com a Capes (embora tenha lidado com demônios) e com toda a cultura acadêmica muitas vezes pedante que nos envolve e constrange.

³ Um antropólogo, por exemplo, poderá dizer que para determinada tribo, para este povo e para aquela cultura, aquilo que se crê e se vive é sua verdade, verdade para eles, e que, ao fim e ao cabo, a verdade é sempre contextual, cultural, e, portanto diversa e relativa. Ora bem, de antemão já previno o leitor que não é este conceito de verdade – tão em moda hoje – que aqui se esquadrinha, e que se defende. Portanto, o texto aqui é explicitamente – e com gosto – politicamente incorreto em relação ao nosso *zeitgeist* que foi sendo moldado, aos poucos, desde há uns 700 anos – e desde então não parou de crescer. Para mim não é indiferente – do ponto de vista sobre a verdade, vale dizer, da legitimidade de um costume cultural –, se uma tribo mata crianças que nascem com algum defeito físico, por exemplo, sendo essa sua “verdade”. E, se acreditasse em tal relatividade cultural, ficaria muito feliz em não ter nascido criança com problemas físicos em tal cultura.

Que se atire a primeira pedra...

Há verdades que, para o senso comum, parecem incontestáveis, incontornáveis. Uma pedra, seja de que tamanho for, é uma pedra. Sua composição pode mudar algo – dependendo do seu lugar de origem e de outras características geológicas –, mas, a despeito disso, continuará a ser uma pedra. Embora exista em Almerim, Portugal, uma famosa sopa de pedra – e, alhures, talvez também nossas avós fizessem algo a sorver com este nome –, é certo que pedra não se come. É claro, pode-se comer uma pedra, mas tal costume invulgar requererá estômago também invulgar (além de outras partes do corpo...!).

Há, na pedra, serventias, algumas úteis, outras sabiamente interditas. Pois bem, é a verdade do que é uma pedra que dirá a nós como usá-la, e como não usá-la. É temerário que, por subjetividades nossas, vejamos numa pedra algo que ela não é – por exemplo, uma apetitosa maçã. E se Pedro é sinônimo – nos evangelhos – de pedra, o que vale para Pedro vale para a pedra, e vice-versa, pois:

Digo que Pedro existe; se este juízo de existência é verdadeiro, é porque efetivamente Pedro existe. Digo que Pedro é um animal racional; se digo a verdade, é porque Pedro é efetivamente um ser vivo dotado de razão. Sigamos adiante: digo que uma coisa não pode ser tal e sua contrária; se este princípio é verdadeiro, é porque em efeito cada ser é o ser que é e não outro. (Gilson, 2002, p. 329).

Assim como a pedra, há outros elementos, naturais ou, no caso da religião, também para além do natural, que possuem sua verdade que, em sua consciência, faz-se bem em não contrariar. Têm-se dito que a religião é um caminho, que as religiões são caminhos. Mas caminhos para onde? Até tempos atrás, quando se acreditava que os *entes* possuíam alguma verdade a revelar, era senso comum que um caminho religioso levava a uma verdade religiosa, o que era dizer a uma verdade de fundo, de origem, fundamental, que a tudo sustenta (“porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos” At 17, 28a). E cada caminho religioso advogava, para si, a verdade (ainda que fosse para um povo, uma tribo ou civilização específica em face de seu deus ou deuses). Podia-se crer que o povo vizinho tivesse outro deus com outras regras e outra verdade, mas era *a verdade (ou a mentira, o equívoco, a idolatria) do vizinho* que não era a minha, e ao meu povo, e a mim nele, cabia sacrificar ao deus da regência de minha civilização, a ele obedecer e reconhecer nele a verdade.

Embora o Império Romano – e sua *Pax* – tenha sido um dos primeiros exemplares civilizacionais de uma tolerante *ecumene* de verdades entre povos,

reconhecendo as díspares verdades religiosas de díspares povos que o compunha, mais cedo, entretanto, o judaísmo já havia tornada regra absoluta a crença num só Deus, legando aos outros deuses e às outras verdades (com ou sem aspas) o selo de idolatria e mentira. Profetas deram a vida por tal testemunho, e também os macabeus resistiram quando, à força, a *Pax* romana, em seu ecumenismo, quis entronizar outros deuses, e suas “verdades”, no Templo de Jerusalém.

Na mesma época em que viveram muitos profetas bíblicos, Sidartha Gautama, cognominado o Buda, ensinava, na Índia, a origem do sofrimento e sua superação através do caminho óctoplo. E não consta que ele tenha ensinado, a seus discípulos, uma *opinião*, uma *sugestão*, uma *suspeita*⁴, mas sim uma *verdade* descoberta através de sua iluminação, do seu alegado despertar para a verdade. Daí que um budista que seja, de fato, budista, jamais poderá dizer que o sofrimento, que movimenta a roda das reencarnações, seja causado pelo desapego; ao contrário, todo budista realmente budista confessará, como dogma seu, que o sofrimento advém do apego. E assim o dirá não porque sua subjetividade o descobriu, sua experiência o revelou, ou os ventos da modernidade ou da última moda o esclareceram. Pode até ter tido a experiência, a subjetividade de sentir na sua alma, ou na sua não-alma (*anatman*), tal verdade. Mas, antes ou depois disto, justamente por ser budista, terá tal axioma por verdade porque o Buda o ensinou, e o ensinou não por sutilezas de sua subjetividade, mas porque se creu iluminado, desperto, para dizer, a todos e a todo tempo, uma verdade também iluminada, uma verdade universal, um fato que julgava absoluto⁵. Afinal, o budista também creditará

⁴ “O subjetivismo produz uma profunda inadequação entre a pessoa humana e os objetos. (...) Para os homens de opiniões, a única realidade é o próprio eu. O patrono dos homens dinâmicos modernos foi Descartes e por isso cada um deles hoje formulará sua filosofia assim: ‘Tenho uma opinião, logo existo’. A opinião é o halo do pequeno-burguês; faz-lhe as vezes de inteligência; dá-lhe dignidade; é tudo. E chego inesperadamente à conclusão que Nietzsche foi o poeta épico dos pequeno-burgueses, o bardo dos subchefes de seção, ou, então, o profeta que anunciou o advento tumultuoso de três bilhões de deuses” (Corção, 2017, p. 95). “Três bilhões” era o número aproximado de pessoas no planeta, na altura em que Corção escreveu estas linhas. Atualmente existem mais “deuses”, e com mais poderes de “opinião”.

⁵ “O absoluto não admite meio termo (...). Em relação ao cristianismo, o meio termo que o mundo civilizado descobriu é feito de sentimentos e opiniões, isto é, dispensa a própria realidade de Cristo. Quando alguém descobre que a mensagem de Jesus concorda em alguns pontos com suas próprias opiniões, declara-se católico, mas, para marcar uma distância decente entre essa posição de bem-pensante e a piedade, logo acrescenta que não é praticante (...). E permite supor que o maior favor que um homem pode fazer a Deus é concordar com as consequências cívicas de Seu Verbo. Ora, é bom advertir que quem não pratica [ou não crê para além da opinião] não é católico, não o é no sentido absoluto, como não é casado quem não casou, por mais irrestrita que seja sua simpatia pelo estado conjugal” (Corção, 2017, p. 137-138).

o sofrimento universal daqueles que são e, também, daqueles que não são budistas – cristãos, muçulmanos, ateus e o mais de gente que existe – ao apego, ainda que, na ignorância destes outros crentes e não crentes sobre tal verdade, digam eles outras versões sobre a origem do sofrimento. O budista que seja budista saberá que o não budista também é, como ele, ser humano, e que, embora não seja budista, compartilha com ele a mesma verdade da origem do sofrimento, ainda que o ser humano não budista possa negar, de pés juntos, a tal verdade budista.

Não é à toa que, a seu modo, o budismo também é uma religião missionária, que rompe o atavismo de um povo e se lança ao mundo na ânsia de libertar o ser humano de sua ignorância referente ao sofrimento, pregando o que considera verdades a respeito da superação da dor. A compaixão pelo ser humano, a compaixão que o quer ver liberto, conduz à missionariedade budista que chega a outras fronteiras, e a China taoísta e confucionista, e o Japão xintoísta são testemunhas de uma religião da Índia que lhes chega, e lhes chega por ser missionária, e missionária é por querer levar uma verdade a respeito do ser humano a todos os seres humanos.

O judaísmo também teve tal ímpeto, embora mais tímido e freado por estar constantemente submetido a outros povos e impérios, e finalmente pela grande diáspora após a destruição de Jerusalém. Ainda sim, no norte da África e na Magna Grécia do primeiro século de nossa Era, eram encontrados os convertidos ao judaísmo, quer dizer, ao único Deus e a única Lei e verdade reconhecida pelos judeus.

O Islã, de que não trataremos aqui, tem a mesma verve, a mesma herança. Contudo, o que nos importa aqui é o cristianismo. No cristianismo atual – e aqui, para recorte mais específico, penso no catolicismo –, ou melhor, entre católicos atuais, dentre eles muitos padres, bispos, teólogos e o que mais exista em tal seara, ainda se entende que uma pedra é uma pedra? Que a verdade que envolve uma pedra pode ter serventia para inúmeras realizações – desde as arquitetônicas a levantar catedrais, ou às mais modestas como a de calçar uma mesa, até as indesejadas realizações, como a dos cálculos de vesícula ou de rins –; enfim, que em tudo isto pedra é pedra, e que, embora tão úteis (ou indesejadas), não convêm comê-las? Se Jesus impediu que hipócritas linchassem uma mulher (Jo 8, 1-11), foi porque viu que seus algozes tinham pedras em suas mãos, não flores. Jesus sabia que uma pedra era uma pedra. E ainda que a subjetividade de alguém, na liberdade de sua experiência pessoal, queira dizer que uma pedra é um repolho, pedra continuará sendo, apesar da sacrossanta liberdade de subjetividade de nosso indivíduo pós-moderno. E seu

estômago, por certo, não será assim tão subjetivo no processo de digestão do alegado repolho.

Terá a aventura humana sobre a Terra enlouquecida a tal ponto de negar que há verdades que se querem objetivas e universais, e que aderir a elas tem um quê de bom siso e de sanidade? Ou tudo não passará de nomes arbitrários e convenções sociais, de relatividades históricas e culturais?

Para bom entendedor, meia palavra ba...

“Digo-vos que, se estes (discípulos) se calarem, as próprias pedras clamarão” (Lc 19, 40). Mas estamos em tempos econômicos para tais prodígios, e as pedras, como é da verdade de sua natureza, andam mudas. Mas se as pedras estão em silêncio, os dicionários, por sua vez, são prodigiosos e ávidos a nos falar. Quando falamos “verdade”, sobre o que falamos? Como compreendemos este substantivo com ares de adjetivo? Os dicionários têm a função de acolher o que a tradicional experiência da humanidade com as palavras, e palavras tantas vezes com contornos universais, define para tornar claro um termo lexical, uma palavra tornado conceito, realidade. Já diz a velha Bíblia que “a palavra tem poder” (Pv 18, 21), e as filosofias da linguagem atuais não a desmentem. Mas a definição de certas palavras quer ser mais do que um signo ou convenção social. Há palavras duras, que caem sobre nós independentemente de nós, que quase nos machucam em sua densidade, e nos definem de uma forma inequívoca, a nos absolver ou acusar. Verdade é uma delas; e também realidade. Claro que para certas vagas de linguistas e filosofias modernas e contemporâneas, nada há de sólido, tudo se desmancha no ar, é provisório. Herança do nominalismo, que acode, em origem, toda filosofia e ciência após ele, as formando de um jeito ou de outro em suas antípodas.

É bem verdade (olha ela aqui!) que uma verdade, como dizem, pode depender do ponto de vista, como em um acidente de trânsito, e por certo há variáveis e variações dela. Mas, mesmo no acidente de trânsito, tanto os motoristas envolvidos, como a polícia e os transeuntes que o testemunharam buscam uma verdade, um fato, uma realidade do que aconteceu. Sem a busca de uma verdade sobre as coisas, ou dito melhor, sobre a realidade, não há pessoa, grupo social, povo ou civilização que fique de pé; não entender que haja, em qualquer realidade, sua verdade, é a apoteose do nada, do niilismo que engendra o caos.

Ora bem, quem discordar do que acima foi dito é porque entende que o que se disse não é verdade. Bingo! Não há como fugir, em definitivo, de algum faro, de algum instinto de adesão à verdade, e a própria negação e

discordância do que eu afirmo é dizer que a verdade está em outra parte, em outra percepção sobre o assunto, ou que a verdade do dito não é inteira, o que também pressupõe que almejamos, ainda que inconfessadamente, verdade que seja inteira.

Disto tudo se faz luminoso que a verdade traduz uma realidade, realidade esta certa, verdadeira. Há também os que afirmam – é moda de bem pensantes! – não haver realidade, sendo isto uma construção social, histórica, relativa. Os tempos, de fato, já nem líquidos são, como vaticinou Zygmunt Bauman, mas já gasosos se fazem, em que nada fica em pé. Que não haja realidade ontológica, que apenas exista um fluxo que não se agarra pelo intelecto e que se molde a algo estável, real, já o grego Heráclito de Éfeso o afirmava. Até que a doença que corrói ou o cão que morde mostrem o contrário. Aliás, a morte é o selo de garantia da realidade, mesmo para os que creem na imortalidade da alma. Morrer nos revela a realidade que está aí, para além das relatividades. Pois, até para dizer que o real é relativo, é preciso que haja um real para que se diga dele que é relativo. Portanto, o real se impõe, e o próprio jogo da linguagem o revela, linguagem que também é real. Dizer que a realidade é a ficção que nos define, é dizer que a ficção não se dá sem canteiro de obras, chamado, este, realidade. Barcellos (2020, p. 257), ao intérprete do pensamento de Corção, expõe que:

O fio nominalista da cultura – que tornava imperativo que cada homem fizesse “suas” experiências como se únicas fossem (...) O empirismo se fizera mais que uma teoria do conhecimento; mudara radicalmente o modo de conferir credibilidade, tornando cada indivíduo um editor autônomo de suas verdades.

É verdade que há verdades que são relativas (esta é uma verdade relativa?). Por exemplo: meu amigo pode gostar de jiló, e eu, que tenho a cabeça no lugar, não. Assim, a verdade de um gosto bom, para um, é a verdade de um mal gosto, para outro. Mas, mesmo dentro da subjetividade pessoal do gosto de cada um, é verdade que o jiló sabe bem a meu amigo, como é verdade que sabe mal a mim. Se eu disser que aprecio jiló, estarei mentindo, pois não é essa a verdade de meu gosto. Portanto, mesmo em âmbitos do subjetivo e relativo, verdades são verdades, algo real, conforme a realidade (no caso, conforme a realidade das minhas papilas gustativas e das do meu amigo). Por outro lado, há verdades universais, que independem dos gostos e dos odores agradáveis ou não ao meu amigo e a mim.

A morte, por exemplo, é uma inconveniente verdade universal. Meu amigo ou eu mortos, somos uma e mesma coisa: um corpo sem vida, sem circulação de sangue, sem batimentos cardíacos, em estado de decomposição. E, mesmo nos

casos daqueles corpos que não se decompõem – como alega a Igreja Católica a respeito dos corpos de alguns santos –, fato é que aquela pessoa já não existe naquele corpo. Para aqueles que pretendem que verdades são sempre subjetivas e relativas, aconselho que experimentem morrer para ver – ou, no caso, deixar de ver – que há verdades universais, factuais. Você pode dar diferentes significados para a morte, mas é para um fato de verdade não subjetiva, não relativa, que é a morte, – tirante os que esperam o retorno do rei Dom Sebastião e os que dizem que Elvis não morreu – que podemos variar os significados. Você também pode crer que Jesus venceu a morte e que, nele, também venceremos. Mas para ter vencido a morte, Jesus, antes, teve que morrer, e para termos a esperança da ressurreição também nós temos que morrer, pois a ressurreição é a dos mortos, não a dos vivos. Portanto, a morte, como boa conselheira que é e com quem é prudente não discutir, prova, noves fora, que há verdades universais, incontestáveis, factuais.

Mas a morte não é a única a desfaldar a bandeira da verdade. Também a vida a acena. Estar vivo é não estar morto, e está aí uma verdade daquelas não afeitas a versões relativas. Você pode dizer: “a vida que fulano leva não é vida”, ou “ele vive uma vida indigna”, e coisas do tipo. Mas aquilo que não é vida é a vida que fulano leva; aquilo que não tem dignidade é a vida dele. É sobre a vida, a verdade de uma pessoa que vive, do que se fala, ainda que essa vida seja uma vida artificial alimentada por aparelhos – como no caso de mortes cerebrais em que o coração ainda funciona –, ou seja, é ainda o contrário de estar morto, frio, em decomposição.

A vida, por sua vez, está cheia de verdades objetivas, tangíveis e universalmente inegáveis, como, por exemplo, a fome. Sempre ouvi dizer que fome é fome em qualquer lugar. A fome de um miserável, de um mendigo que nada tem para comer, é igual no Rio de Janeiro, em Paris, em Londres e em Itaquaquecetuba, e, se prescinde de geografias, também prescinde de tempos e culturas diversas. Sentir fome é uma incômoda verdade, pois contrária ao organismo e às necessidades da manutenção da vida. Claro que há verdades relativas, ou provisórias, em relação à fome: o místico poderá exaltá-la como um sacrifício em favor de uma causa, bem como, também neste caso, poderá ser um ato político (e o ativista, no caso, poderá mesmo usar a fome como metáfora, dando a ela o sentido simbólico de “fome de justiça”, como, aliás, o fez Jesus). Os sentidos – as verdades relativas que dão à fome os que a sentem – podem variar, mas o que não varia é a fome mesma que, objetiva que é e não sanada, leva inevitavelmente ao definhamento do corpo e da vida. Já o defunto, até onde sabemos, não tem fome, pois a fome é uma verdade da vida. Portanto, os dois extremos mais radicais que existem, vida e morte, provam-nos que

há verdades universais irrenunciáveis, primeiramente e fundamentalmente sentidas pelos sentidos e, assim, alçadas ao intelecto e ao senso comum. Ainda em linguagem tomista:

A adequação do intelecto ao real, que define a verdade, se afirma legitimamente em uma doutrina, na qual, refletindo sobre si mesmo, o intelecto se julga capaz de chegar à realidade: *secundum hoc cognoscit veritatem intellectus, quod supra se reflectitur*. (...) É, por conseguinte, a compreensão direta de uma realidade inteligível, por um intelecto servido por uma sensibilidade (Gilson, 2002, p. 334).

O bom e velho pai dos burros

Mas voltemos ao velho pai dos burros. O que os dicionários definem, revelam, sobre verdade e realidade? Consultemos um antigo clássico lusobrasileiro, o “Caldas Aulete”, em sua magnífica edição de 1964, editado em cinco volumes pela Delta. Lá está sobre a verdade: “qualidade pela qual as coisas aparecem tais como são; realidade, exatidão” (Caldas Aulete, 1964, p. 4197). O lexicógrafo continua com muitos exemplos, mas todos a remeter ao básico do acima citado. Muito antigo? Fiquemos com um bem atual, de Cristina Klein. O dicionário publicado pela Rideel afirma que verdade é “1. aquilo que é ou existe com toda a certeza; 2. Realidade, exatidão” (Klein, 2015, p. 548). Talvez seja prudente ouvir um mais universal, o global e popular Larousse Seleções: “identidade de uma representação com a realidade representada; exatidão, autenticidade” (Larousse, 1982, p. 900). Mas no Brasil nada supera os já icônicos Houaiss e Aurélio (este último já tornado sinônimo de dicionário). Ouçamos primeiro o Houaiss, talvez o mais querido das rodas de intelectuais. Esclarece o famoso lexicógrafo que verdade é: “o que está de acordo com o real; exatidão” (Houaiss, 2009, p. 766). E, por sua vez, o Aurélio diz-nos que a verdade é “conformidade com o real; coisa verdadeira; princípio certo” (Aurélio, 2009, p. 812)⁶.

⁶ Um fenômeno interessante visto, digamos, a “olho nu” – e que ainda carece de pesquisa que o prove – é que muitos daqueles recentemente convertidos ao catolicismo – vindos eles de fora do catolicismo ou de um anterior catolicismo apenas nominal –, e que aderem e militam em catolicismo mais intransigente e cioso relativamente ao valor das verdades cristãs e católicas, veem de formações em ciências mais exatas, é dizer, ciências que compreendem o valor da verdade exata para que a ponte não caia, o edifício não vá à ruína e que a criança não troque o B pelo C, a não entender o que lê e a não ser entendida quando fala. Veem-me à mente pessoas vindas da Física, das Engenharias, da Economia, da Administração, das Letras. Mas também do Direito e da Filosofia pré-moderna, cujo ícone é a Escolástica e, nela, Tomás de Aquino, em que a lógica e a definição precisa não deixam dúvidas e não cedem às vagas ideias (no duplo sentido) posteriores filhas do nominalismo.

Límpida aos olhos é a verdade (impossível fugir a ela!) da concordância entre as definições de verdade. Talvez assim seja por ser a ideia de verdade algo límpido para os olhos que veem (Mt 6, 22). Mas dizem os eruditos, que em sua erudição traduzem o senso comum tão desprezado pelos livres pensantes *avant la lettre*: verdade é aquilo que aparece no real, na realidade. Aqui é certo que, nas eras que se insurgem contra o óbvio – tempos são em que não basta saber que uma pedra é uma pedra –, coloca-se aqui nova dificuldade: se a verdade corresponde ao real, o que é a realidade? Já entrevejo o sorriso, cínico ou maroto, dos bem pensantes. Peço socorro, novamente, ao trivial, mas sólido, dicionário, para ver o que me dizem estas sumas da língua corrente. “Realidade: o que existe de verdade, o que é real”, diz o Houaiss (2009, p. 633), ao que o Aurélio (2009, p. 683) faz eco: “aquilo que existe efetivamente, que é real”. Tomemos novo fôlego e perguntemos: e real, o que vem a ser? O Aurélio, incansável, não se melindra em responder: “que existe de fato, verdadeiro” (2009, p. 683), ao que o Houaiss, ele também sempre prestativo, arremata: “que tem existência palpável, concreta; que existe de fato, de verdade” (2009, p. 633). Como salta-nos aos olhos, há aqui um círculo vicioso: verdade é o que é real, realidade é o que é verdade. O Houaiss, talvez mais positivista, inclui, também, a ideia do palpável, deixando menos margem para as verdades metafísicas.

Mas se os dicionários são sumas da língua portuguesa, deixemos que o autor de uma outra suma, contra os gentios, nos diga algo a respeito:

Agora, a regra do governo e a ordenação de todas as coisas que se dirigem para um fim devem ser assumidas deste fim. Assim, cada coisa fica otimamente disposta enquanto se ordena convenientemente para o seu fim, visto ser o fim o bem de cada uma (...). Convém, pois, que o fim último do universo seja o bem do intelecto, que é a verdade. Donde ser a verdade o fim último de todo o universo. Donde, também, convir à sabedoria entregar-se, acima de tudo, à sua consideração (Aquino, 1990, p. 20 [I,2]).

Dos conceitos consagrados pelo léxico – e da finalidade última do conhecimento e da sabedoria, emanada pela pena do Aquinate –, rumemos a exemplos práticos que os ilustrem. Convoquemos, portanto, a Sra. Educação. A Educação também chama para sua finalidade o *eureka* da verdade. Isto é, tem como objetivo (ou tinha, será?) provar uma verdade e fazer com que os educandos a ela adiram, a incorporem em suas ideias, técnicas e vida. Pensemos na educação para a engenharia: o indivíduo quer ser engenheiro e, como previsto, se matricula em um curso de engenharia. Nele aprenderá a projetar pontes e edifícios. Pois bem, para que a ponte não caia, e para que o

edifício se sustente, terá que descobrir, para cada ponte e para cada edifício – relativamente às suas específicas extensão, peso, altura, material – o cálculo *exato*, é dizer, *verdadeiro* para que seu nome de engenheiro seja preservado, bem como as vidas que passarão por sobre a ponte ou que residirão no edifício. Um cálculo que não seja verdadeiro em relação às especificidades de sua obra revelará uma trágica mentira: a ponte e o edifício não eram, de fato, uma ponte ou edifício, mas arremedo deles, factoides. A engenharia, o engenheiro e quem de seu trabalho se beneficia, dependem inteiramente, da verdade.

Alfabetizar alguém carece, igualmente, da verdade. Se foneticamente reproduzo o som da letra B (cingida de alguma vogal) para ilustrar o som da letra C (casada à mesma vogal), o alfabetizando estará em apuros por não ter a verdade de um som agregado ao seu devido signo. É bem verdade (olha ela aqui novamente, a dizer-se essencial), que o som ou uso de uma letra ou vocábulo pode diferir de uma língua para outra. Mas para sempre haverá uma verdade irrenunciável para a alfabetização em cada língua específica. E a verdade de uma língua não poderá ser confundida com a verdade de outra. As verdades são sempre unas, inteiras, ou não são verdades, mas relatividades.

Há verdades provisórias (na ciência e nas relações sociais, por exemplo). Mas se dizemos que há verdades provisórias, é porque, por lógica, admitimos que, em contraste a elas, há verdades não provisórias, definitivas, que não dependem do tempo, das circunstâncias, e muito menos de subjetividades e experiências, estas duas palavrinhas alçadas, nos tempos que correm, a divindades.

Jesus disse, certa vez, algo que, a meu ver, é de uma sabedoria divina (como, aliás, não poderia deixar de ser...). Disse que se não nos tornarmos como crianças, estaremos incapazes de receber o reino de Deus, ou de enxergá-lo (Mt 18, 3-5). Entre muito do que pode ser garimpado nesse dito do galileu, quero destacar aqui uma paráfrase: se não retornarmos ao senso comum, não poderemos receber o bom senso. Gustavo Corção, que via muito além do que seus detratores compreendiam, escreveu que:

nós outros, engenheiros ou pescadores, sabemos assim, por várias vias, que o homem deve ser dócil e obediente à realidade das coisas. O ‘intelectual’, ao contrário, é aquele refinadíssimo indivíduo que acha certa vulgaridade no real, e por isso prefere pensar a conhecer, isto é, prefere jogar com os entes de razão que ele mesmo fabrica ou compõe. (...) parece-me que nunca é demasiado insistir no valor que tem o bom senso para a mais alta vida do espírito (Corção, 2019, p. 30).

E mais:

Comecei por dizer comigo mesmo, repetindo as palavras do bom inglês, que é mais extraordinário ter um nariz do que ter um nariz extraordinário. No meu tempo de colégio, quando me interessava a astronomia, eu tirava uma grande satisfação do fato de distinguir a olho nu as estrelas de sexta grandeza. Via também, com certa nitidez, a duplicação de alfa do Centauro. E gabava-me de ter uma acuidade visual fora do comum. Tinha um olhar extraordinário, mas ainda não sabia que a coisa mais extraordinária era ter olhos. Espantava-me com os adjetivos, deixando de me espantar com os substantivos (Corção, 2018, p. 275).

Pois bem, fazendo o tema de casa com minha filha mais nova, de sete anos, se nos deparou, no seu livro de atividades, a imagem de uma mariposa, bela, com suas asas abertas. O desafio era fazer a opção pela legenda que corretamente descrevia o bicho. A primeira legenda, logo descartada por minha filha, enunciava: “a mariposa tem apenas uma asa e é um animal selvagem”. Claro estava que tal legenda não se adequava à foto que víamos, e, portanto estava errada, sendo correta a que dissesse que o animal tinha mais de uma asa. Pois bem, aqui está a verdade do senso comum, nua e crua como se nos mostra. Eu poderia – e ela também – em piruetas de pensamento e de arrogância intelectual, dizer que não é bem assim, que a mariposa tinha, de fato, uma asa, ou nenhuma, apesar da imagem. Diria que entre eu e a imagem há níveis de percepção assim e assim, que a imagem é um universo holográfico que depende de minha situação posicional e experiencial ao enxergá-la, e que para a mariposa não faz sentido a questão de asas, já que ela não pensa e não se vê, e que afirmar que a mariposa tem mais de uma asa é um *constructo* humano a partir de subjetivas percepções do que seja uma asa, etc, etc, etc *ad nauseam*. Parece estranho, mas é algo assim que a *intelligentsia* iluminada dos modernos e pós alguma coisa cultiva o trato da verdade: não há verdades, tudo é *constructo* humano que depende disto ou daquilo, da história, da sociedade, da experiência de cada um, e, portanto, cada um com a sua verdade que é só sua, pois não há verdade de fato, não há o real, não há universais, tudo é miragem, tudo sou eu, a sociedade, a ideologia e mais o que for. Jesus tinha razão: é preciso voltar a ser criança para ter o bom senso do senso comum de ver o que é como é. As crianças, louvadas pelo nazareno, sabem que a imagem mostra mais de uma asa, e sabem qual legenda é falsa e qual verdadeira. Coisa que muito marmanjão com três PhDs não sabe, ou não quer saber.

A verdade da religião

Se existem verdades físicas, naturais, haveria também as metafísicas, sobrenaturais? É o que religiões advogam. Claro, tais verdades, como a verdade física da morte, não são constatáveis pela medicina e pela falta de interação conosco de um corpo sem vida, nem são apresentáveis pela química, física e geologia, como no caso das pedras. As verdades religiosas, sejam elas as verdades do budismo a respeito da origem e da superação do sofrimento, sejam as do kardecismo sobre a reencarnação e mediunidade, sejam as do catolicismo, como a imaculada conceição de Maria e o perdão divino oferecido pelo sacramento da reconciliação, não dependem, *a priori*, da medicina ou da geologia, mas de uma volição ou condição chamada de fé.

Mas a fé religiosa, ao contrário do que muitos pensam, não é somente um sentimento – como o queria Friedrich Schleiermacher e Paul Tillich (o que me toca em meus sentimentos, do que me sinto dependente ou o que se me mostra com sentido de experiência absoluta para a minha vida) –, embora o sentimento também possa estar – e geralmente está – envolvido com a fé, e por vezes se confunde com ela. Para o adepto de uma religião, crer não é uma opção ou volição simplesmente sentimental, mas carrega como seu pressuposto a adesão da razão – até onde ela pode ir – a determinadas verdades, e isto como condição *sine qua non* para se dizer que tem fé. E crer no todo, no atacado, não no varejo das opções. Ao menos este é o quadro pintado como deveria ser, ainda que nem sempre, na prática, assim seja.

O que se nota hoje é que muitos aderentes a uma religião já não creem em grande parte do que sua religião professa. Que tal seja frequente entre os leigos, entre as massas, que têm pouca formação religiosa e mesmo pouco interesse, ou interesse ocasional, pela religião em que estão inseridos por tradição familiar ou contextual, ainda dá-se bons e grandes descontos. Não discuto, aqui, sobre a pessoa “comum” das religiões, inserida nelas por certo atavismo social e existencial. Tal questão a discuti, de certa forma, em outro lugar⁷. O que se caracteriza, entretanto, estranho⁸, é que representantes oficiais de religiões – e

⁷ *O avesso da História: abordar a religião a partir de seus usuários*. Revista de Ciências Humanas (Viçosa, Universidade Federal de Viçosa), v. 3, p. 103-114, 2003, e em *A (re)significação da religião no cotidiano: novos enfoques para uma antiga prática*. Fragmentos de Cultura (Goiânia, PUC Goiás), v. 14, p. 1811-1831, 2004, e em *Fé, Cultura e Norma Eclesiástica: a gênese da Igreja Luterana no Brasil entre a organização popular e tutela eclesiástica*. Fragmentos de Cultura (Goiânia, PUC Goiás), v. 16, p. 593-607, 2006, como também em *Visões do Além. Relatos de aparições e mensagens de mortos: A fé além dos muros eclesiásticos*. Rhema (Juiz de Fora, Seminário Santo Antônio), v. 11, p. 113-133, 2005.

⁸ Há, certamente, aqueles que veem aqui uma impostura, deslealdade, trapaça. Eu prefiro apenas manifestar um estranhamento, posto que não sou juiz de consciências alheias, e só Deus conhece os corações e as razões de cada coração (1 Sm 16, 7; Jr 17, 10; Sl 44, 21; Sl 139, 23; Mt 13, 24-30).

aqui me atenho apenas ao catolicismo – não creiam, muitas vezes, que várias das verdades professadas por sua religião sejam, de fato, verdadeiras, ou não sejam verdadeiras daquela forma transmitida pela tradição e magistério, podendo haver livres interpretações sobre elas que, ao fim e ao cabo, com boas ou más intenções, acabam por não redundarem nas verdades tais quais eram antes de suas libertárias reinterpretções. E a pergunta que não cala, aqui, é: se já não se crê, por que continuar a estar naquela religião; mais, a ser o rosto oficial daquela fé que não mais se tem de fato, mas somente em aparência?

A fé na verdade, e a verdade da fé

No âmbito da religião a questão da verdade, ao mesmo tempo em que pode ganhar contornos mais complexos, aufere também contornos mais absolutos, se é que assim podemos dizer. Se a verdade de uma pedra é verdade para o chinês, o haitiano, o angolano, o colombiano e o islandês – independentemente dos tempos, da cultura, dos contextos –, pois uma pedrada na cabeça do chinês do século VI a.C. poderá causar danos semelhantes a uma pedrada na cabeça do islandês de 2024 d.C.⁹, – a questão da verdade religiosa quer ser, por suposto, similar – e talvez ainda mais do que isso – à verdade das pedradas no mundo, desde a que Davi desferiu em Golias, até as das intifadas palestinas atuais. Ou seja, atinja o filisteu ou o hebreu, dá o mesmo gallo na cabeça de quem a sofre.

O que, como é óbvio, difere a verdade religiosa das demais verdades da natureza é a origem ou os modos, empíricos ou não, de se chegar a ela, de demonstrá-la ou se sabê-la. Enquanto as verdades empíricas ou naturais são observáveis através das próprias estruturas da natureza – com ou sem instrumentos que as revelem, conforme cada caso –, as verdades religiosas têm sua origem em uma revelação ou em uma iluminação reveladora. Como aqui o nosso alvo é o cristianismo católico, fiquemos mais substancialmente com a primeira acepção, isto é, a revelação que, de uma forma ou de outra, vem de fora, ou para não deixar um ex-católico de fora da conversa, *extra nos* (Lutero). Mas como provar com aparelhos ou cálculos, em laboratórios, ou mesmo com a observação da natureza, que uma revelação ou uma verdade religiosa considerada revelada – como a concepção virginal de Jesus – é de fato verdade, e verdade porque revelada do alto? Bem, primeiramente alguns pressupostos, também não prováveis (apesar do esforço do Doutor Angélico em suas cinco

⁹ Particularmente se a pedra for do mesmo tamanho, peso, e atirada à mesma distância e com a mesma força, afinal, a verdade da física também independe das Eras e das culturas.

vias), devem ser considerados, o mais óbvio o da existência de Deus, com tudo o que a teologia cristã lhe atribui para que seja Deus. Depois, contrariamente aos deístas, ter por certo que este Deus se manifesta, ou se manifestou, a pessoas, povo e instituição (Igreja). E terceiro, que tal Deus não mente ou engana, e que tais revelações transmitem verdades que podem coincidir com a natureza – como o quer o catolicismo ao invocar a chamada lei natural, que seria observável e clara à natureza humana e à sua capacidade de observação e compreensão racional –, ou não coincidir com nosso conhecimento natural, sendo verdades, no caso, originadas de revelação sobrenatural, isto é, para além da nossa capacidade de observação ou de perfeita e total compreensão racional. E é aqui que quero chegar. Tais verdades, bem como sua origem, exigem um critério que a ciência e a simples observação da natureza não nos podem completamente – ou de todo modo – oferecer. Este critério tem por seu nome fé. E mesmo a fé exige, para ela, a fé de que a fé é um critério válido.

Para o cristianismo – e aqui não nos interessa toda a história e as controvérsias e sutilezas da questão –, a fé, ao fim e ao cabo, é um dom de Deus, isto é, um elemento que Deus doa livremente a nós, ou a quem Ele quer (também não historiemos, aqui, esse vespeiro de sutilezas teológicas). Muito mal comparando, podemos dizer que há pessoas que têm um “dom” (ou capacidade) inato para matemática e cálculos, enquanto a outros falta tal capacidade (por melhores professores que tenham ou por mais que se exercitem com os números). Ou seja, os critérios intelectuais necessários para a compreensão da matemática estão, mesmo involuntariamente, assentes a uns, e ausentes a outros. Exemplos similares poderiam se multiplicar para outras áreas do conhecimento e das vivências – como o caso do “ouvido musical” –, mas como eu não tenho o dom da matemática, fico com a economia deste exemplo que parece ser suficiente. Assim a fé acaba por ser o critério para legitimação de uma verdade considerada revelada ou religiosa. E, neste caso, a fé não é um critério subjetivo de entendimento, mas objetivo enquanto adere como certas e legítimas as verdades religiosas de uma religião. Um camponês analfabeto e um erudito teólogo podem crer igualmente, objetivamente, que Jesus é o redentor de suas vidas. O que diferirá na fé entre ambos, portanto, não é seu elemento formal e objetivo, mas o nível de compreensão – e de vivência – da mesma verdade professada pela fé.

Mas o que é a fé para o cristianismo? Aqui não adianta muito recorrer a dicionários, posto que geralmente eles oferecem definição de fé menos específica e mais geral. Mas a Bíblia oferece-nos, em um único versículo seu, uma síntese clara do que é a fé cristã: “Ora, a fé é o firme fundamento das

coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem” (Hb 11, 1). Basta saber, portanto, que, para o cristão – e para as verdades que ele crê –, a fé, como critério de reconhecimento e adesão a tais verdades tidas por legítimas, quer dizer, verdadeiras, digo, a fé é um fundamento (critério firme, portanto, e vejam lá o que os dicionários entendem por “fundamento”) de coisas (*res*, portanto não abstrações, mas coisas, realidades) que se esperam (não está aqui à minha frente, mas existem, são coisas, como a carta ou a encomenda que me enviaram e que aguardo que cheguem); e é a fé “prova” (reparem bem na palavra) destas coisas que se não veem para nossa natureza humana. Prova, meus caros! Qual a prova? A própria fé. Eis aqui um círculo vicioso, como se diz, mas de bom vício. A própria fé é tida, conceituada, como prova de si e para as coisas que se lhe aderem.

Imagino, aqui, o riso do cientista da ciência positiva. Dirá ele que prova é o que se pode atestar por meio de experimentos empíricos e repetíveis. Ora bem, mas as provas da ciência positiva não são provisórias? A falseabilidade de uma experiência não é pressuposto de toda boa ciência que não se fecha em possíveis ideologias? Portanto, se para a ciência positiva a prova de hoje pode ser a desprova (perdoem o neologismo), ou o equívoco, quiçá a mentira de amanhã, então caberia ao nobre cientista positivista compreender que sua prova tem limites presumíveis, e que o que lhe cabe, se honesto for, é compreender e admitir que a tal prova que é a fé, ela mesma, difere de sua prova positiva por questão de método e, principalmente, origem, e *não necessariamente* de legitimação daquilo que se reconhece como uma verdade.

De qualquer forma, não cabe aqui fazer exegese pormenorizada do versículo bíblico em questão, bem como abrir discussão sobre as intermináveis controvérsias entre a ciência positiva moderna e a fé religiosa. Eu apenas quis aqui destacar, por necessário, que diferentemente das verdades naturais, as verdades religiosas, ou certas verdades religiosas pressupõem outro instrumento de verificação do mundo, instrumento chamado fé a legitimar as verdades a que se adere no cristianismo¹⁰.

Se a fé revela verdades no âmbito da religião, precisamos perguntar ao livro das verdades de fé o que ele entende por verdades de fé. Aqui a seara é abundante, e faremos colheita rápida e, claro, insuficiente.

¹⁰ O que, evidente, se distingue de um “passe de mágica”, pois a fé apresenta à razão paradoxos que, tautologicamente, só são apreensíveis nos limites da própria fé. Assim, “preciso engolir o meu Criador, preciso tê-lo no sangue. O senhor dirá que é fácil, porque Ele se tornou Carne para ser comida; mas eu lhe responderei que antes preciso engolir essa palavra que me parece indigesta...” (Corção, 2018, p. 260). A fé também é luta...

Primeiramente é preciso uma advertência. Uma verdade religiosa, ou adquirida por fé, não se contrapõe a verdades não religiosas. O que quero dizer? Dou o nome aqui de verdades “religiosas” porque o mundo moderno separou religião e vida civil, secular, contrapondo uma a outra. Nas sociedades pré-modernas não havia – *grosso modo* – tal distinção entre mundo secular, civil, e mundo religioso. O mundo, a sociedade, era, por assim dizer, integral, sem artificiais separações, e o que hoje chamamos de verdades religiosas eram, então, simplesmente verdades, posto que a fé e Deus (ou os deuses) era algo natural, evidente, e portanto a lei – a verdade – de Deus era a óbvia verdade de todos, ao menos em teoria. A verdade da religião era a verdade do mundo, e ponto. A modernidade, e a ciência moderna, é que diferenciam o âmbito religioso do civil e secular, algo que, claro, não historiaremos aqui, atendo-nos apenas a dizer a questão básica.

Então, o que se entende por verdade “religiosa”?

Começemos pelos salmos, afinal, *lex orandi, lex credendi*. “Tu me remiste, Senhor Deus da verdade” (Sl 31, 5). Primeiro, por óbvio, se diz que Deus é da verdade, Ele mesmo a verdade e fonte dela. Portanto, toda verdade tem origem em Deus, pois Deus é a verdade na sua integralidade, como reconhece o profeta Jeremias: “Mas o Senhor Deus é a verdade” (Jr 10, 10). Esse “mas” está em contraposição, aqui, aos outros deuses, considerados mentira, ídolos, engodo, não verdade. O Antigo Testamento, ainda, nos revela que “adorei ao Senhor (...) que me havia encaminhado pelo caminho da verdade” (Gn 24, 48). O servo de Abraão nos diz que não só Deus – o Deus da revelação bíblica, no caso – é verdade, mas que Ele também introduz aqueles que nele creem nos caminhos da verdade, daquilo que é verdadeiro. Enfim, “Deus é a verdade (...) justo e reto é” (Dt 32, 4). Sendo Deus a verdade, é Ele, por evidência, reto, verdadeiro e justo. O que Ele faz é a verdade: “todas as suas obras são verdade” (Dn 4, 37). Assim, o salmista suplica que Deus ouça sua oração “segundo a tua verdade” (Sl 143, 1), isto é, não segundo a verdade ou desejo do salmista – pois não temos ou sabemos plenamente a verdade e o certo –, mas Deus sim, sendo a verdade, é chamado para fazê-la valer na vida do salmista.

Agora migremos para o Novo Testamento, em que o apóstolo João é quem nos dá o tom mais alto. Primeiro nos diz ele “Mas quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade” (Jo 16, 13). Como se depreende, as verdades ditas religiosas, ao contrário das apenas naturais e acessíveis aos sentidos e ao intelecto (como a verdade da pedra), são inspiradas, dependentes, para que sejam “patentes”, de sua própria origem, Deus. Se o critério para o reconhecimento da legitimidade da verdade, ou seja, a verdade da verdade dita religiosa (perdoem as tautologias) é a fé, o critério

da fé – no caso a cristã – é o próprio objeto da fé, Deus. E, para a compreensão cristã – ou, dito de outro modo, para a verdade cristã –, o próprio Deus é que conduz à verdade. Por isso, assim como atestado pelo Antigo Testamento, a verdade é um caminho que se está e percorre: “Como tu andas na verdade” (3Jo, 3). A metáfora do caminho é boa, pois se há caminhos que podem ser convergentes para um mesmo destino – conquanto apresentem distâncias e desafios diferentes entre eles¹¹ –, há também a perspectiva de que há um único caminho e, ao que me parece, é nesta perspectiva que a Bíblia aposta.

Mas que caminho singular, único, seria esse? “Disse-lhes Jesus: eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6). Para o cristianismo esse caminho, que é verdade, essa verdade, que é caminho, tem o nome de Jesus. Portanto, se ele é a verdade e o verdadeiro caminho, as outras verdades e os outros caminhos religiosos seriam falsos, equivocados? Bem, o texto diz o que diz. Claro que isso fere nosso sentimento moderno aberto à pluralidade e à tolerância. Mas a verdade da pedra também pode ferir nossos pés, mesmo que tenhamos por verdadeiro que, ao pisar em uma pedra, estejamos pisando em algodão. E não é à toa que Jesus disse a um espantado Pedro que se recusava a enxergar o caminho de seu Senhor: “Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mt 16, 23)¹². E ainda: “Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; e quem nela crer não será confundido. E assim para vós, os que credes, é preciosa, mas, para os rebeldes (...) uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes” (1 Pe 2, 6-8). De

¹¹ Na ciência da religião e na teologia, as ênfases disciplinares do diálogo inter-religioso apostam, muitas vezes, na perspectiva de que os diferentes “caminhos” religiosos podem ser, cada um à sua maneira e guardadas as devidas proporções de diferenças, caminhos para um mesmo objeto ou objetivo sagrado (aqui o termo “sagrado” encaixa melhor do que o do Deus bíblico). Não vou entrar aqui a refletir sobre a questão, já apresentada por mim em outro lugar (*Ampliando os Horizontes de Deus: a cristologia pluralista de John Hick*. Fragmentos de Cultura (Goiânia, PUC Goiás), v. 17, p. 609-627, 2007). Apenas anoto que, na perspectiva da fé bíblica – ainda que ela possa apresentar pluralidades –, me parece evidente que desde os patriarcas, passando pelos profetas, e chegando a Jesus e, depois, aos apóstolos, não se vislumbra a ideia de que há vários caminhos para Deus, muito pelo contrário, posto que os demais caminhos que fogem à lei mosaica e, no Novo Testamento, à pessoa de Jesus, e ao testemunho dos apóstolos, são tidos por caminhos de idolatria, falsidade e engano, ou mesmo demoníacos.

¹² “A luz não nasce da discussão. Santo Ambrósio disse que o pecado entrou no mundo porque Eva discutiu o Verbo Eterno e dialogou com o tentador. Há também no evangelho de São Mateus uma passagem que sempre me surpreendera: Simão Pedro tenta discutir a Paixão do Senhor e ouve uma palavra terrível – *Vade retro, Satana!* A resposta parecia-me desproporcionada, irritada, porque afinal de contas Pedro tinha falado no próprio interesse do Senhor Jesus, tentando poupar o seu sangue. Mas agora vejo que Simão Pedro estava fazendo dialética diante da Paixão. Mais tarde o mesmo Pedro quererá discutir o Lava-pés, e é novamente advertido que não terá parte no Reino se insistir em suas opiniões pessoais” (Corção, 2017, p. 224).

fato, Jesus é escandaloso, em muitos sentidos. Também esta verdade, que ele diz ser, é verdade escandalosa para toda a sensibilidade e pensamento modernos, e também escândalo para a ciência da religião e, incrivelmente, hoje também é escândalo para muita teologia por aí. Porém, como magistralmente disse Gilbert Chesterton – a quem cito de memória –: “a Igreja Católica é a única coisa que poupa ao homem a degradante servidão de ser um filho de seu tempo”¹³. Sim, a verdade cristã se crê independente de tempos e contextos naquilo que lhe é essencial, é dizer, naquilo que é sua pedra da esquina, angular. Talvez seja por isso que Jesus disse “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8, 32), isto é, libertará também das mentalidades ou sensibilidades de ontem, de hoje, ou de amanhã em suas diversidades e constantes mutabilidades. Afinal, o que – ou quem – prova ser verdade que as sensibilidades e entendimentos modernos são melhores ou mais verdadeiros dos que os de ontem e anteontem? Talvez por isso esteja dito que “Jesus é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente” (Hb 13, 18).

Tomás de Aquino, ainda logo no início de sua *Suma Contra os Gentios* (1990, p. 28, [I,3], em que introduz a questão da verdade, mostra-nos, enfim, de que tipo é a verdade cristã e qual a sua origem, pois:

Justamente para a manifestação da verdade é que a sabedoria divina encarnada veio ao mundo, como bem o afirma São João: “Eu aqui nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade” (Jo 18, 37). (...) Não porém de qualquer verdade, mas daquela verdade que é a origem de toda a verdade, isto é, a que pertence ao primeiro princípio do ser e de todas as coisas.

A JMJ e Dom Américo: um *tipo ideal* da Igreja atual?¹⁴

O que quis dizer com tudo o que disse até aqui? Que assim como há verdades provisórias, circunstanciais a um determinado tempo, a uma cultura, a subjetividades e passíveis de mudanças, e que podem ter sido verdades em determinada época ou cultura, mas que não necessariamente o serão em

¹³ Aliás, o genial e lúcido Chesterton é autor incontornável para a discussão aqui apresentada. No mais: “Os homens burgueses, que vivem dum palpitação sincrético e piramidal, aceitam desordenadamente todas as mensagens do mundo, desde que sejam modernas (...) riem-se do antes, adoram o depois” (Corção, 2017, p. 202).

¹⁴ Para Max Weber, “tipo ideal é um modelo abstrato que, quando usado como padrão de comparação, permite-nos observar aspectos do mundo real de uma forma mais clara e mais sistemática (...) fornece-nos pontos de comparação a partir dos quais podemos fazer nossas observações. Comparando o tipo ideal de socialismo com sociedades socialistas concretas, por exemplo, podemos pôr em destaque suas características, ao notar como elas se ajustam ou se afastam do tipo ideal. (...) É importante notar que tipos ideais são ideais apenas no sentido em que são puros e abstratos, não no sentido mais comum de serem desejáveis ou bons” (Johnson, 1997, p. 416-417).

outra cultura, ou na mesma cultura em outra época, há também verdades que não dependem dos tempos, contextos históricos, culturas. Assim, uma pedra é uma pedra independentemente de épocas e culturas. Claro está que o que determinada cultura em determinada época pode fazer com uma pedra é diferente, plural, e não há verdades estabelecidas com o que se pode fazer com uma pedra, embora que, seja lá o que cada cultura em seu tempo faça dela – um material para construção, uma obra de arte ou um artefato sagrado na *kaaba* –, pedra ela não deixará de ser em suas características geológicas específicas. Portanto, as culturas e subjetividades humanas podem ver, em uma pedra, desde um sinal dos passados tempos edênicos (como na pedra da *kaaba*), até um sinal de memória e de esperança dos vindouros tempos da ressurreição, como no caso da *matsevá* judaica. Os significados – verdades provisórias, posto que culturais – mudam a respeito da pedra, mas a verdade essencial de que uma pedra é uma pedra permanece tal qual a pedra.

Por outro lado tentei demonstrar que, para a religião – e, no nosso caso específico, para o cristianismo católico –, assim como existem verdades provisórias, ainda que possam ser bastante importantes e úteis mesmo fora de seu nascedouro cultural histórico – a língua da liturgia, a disciplina eclesíastica do clero, a barba do capuchinho, o hábito do dominicano, a antecedência do jejum antes da comunhão eucarística –, há, também, verdades não móveis, artigos não provisórios, que as religiões – e no nosso caso o catolicismo – entendem como suas medulas, seu sangue, aquilo pelo qual a Igreja – a fé, a religião – fica de pé ou cai (*stante stat Ecclesia, ruente ruit Ecclesia*). Ou seja, é pegar ou largar. Como já disse antes, um budista que não acreditasse piamente que o sofrimento é causado pelo apego e pelo desejo, não seria, de fato, budista, ainda que se intitulasse como tal. Já a cor açafrão ou não do hábito monástico budista é verdade relativa, provisória, cultural, e um monge budista que use hábito de cor verde com bolinhas grenás não deixa de ser budista por isso. Mas não quanto ao artigo sobre o sofrimento e sua origem, pois nele, em tê-lo como verdade absoluta – e viver segundo ela –, depende a honestidade de, de fato, ser budista a quem assim se denomina.

Pois bem, para o cristianismo não é diferente. Um cristão que não professe, com honestidade e fé sincera, todos os artigos do símbolo dos apóstolos, é um cristão *stricto sensu* naquilo que concerne à doutrina da fé?¹⁵

¹⁵ E a pergunta é: existe cristão *lato sensu*? Melhor: é legítimo, honesto, que se confira graus variados de adesão às ditas verdades cristãs e, a partir daí, se faça uma régua a medir o grau de cristianismo do sujeito? É possível – em discussão paralela a esta, e a prescindir de possíveis lobisomens, *franksteins* e minotauros – dizer que se pode medir o grau de humanidade – do ponto de vista genético e biológico – de um ser humano? Acho que não, embora os nazistas, talvez, discordassem.

Não entro aqui em todas as discussões teológicas daqueles que defendem – inclusive recorrendo à Bíblia – que as obras, mais do que a fé de adesão às doutrinas, são o que fazem o cristão. É verdade que Tiago, por exemplo, afirma que:

Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma. Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras. Tu crês que há um só Deus? Fazes bem; também os demônios o creem e estremecem. Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta? Porventura Abraão, o nosso pai, não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque? Bem vês que a fé cooperou com as suas obras e que, pelas obras, a fé foi aperfeiçoada, e cumpriu-se a Escritura, que diz: E creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça, e foi chamado o amigo de Deus. Vedes, então, que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé. E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras, quando recolheu os emissários e os despediu por outro caminho? Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta (Tg 2, 17-26).

Contudo, aqui não há contraposição entre fé e obras, mas complementação¹⁶. A fé não é dispensada, mas é provada pelas obras. Crer sem obras é fé demoníaca, ou farisaica¹⁷. Obras sem fé são filantropia, não cristianismo. Fé sem obras é farisaísmo, não cristianismo¹⁸. A questão é que a fé leva às obras – ou deve levar, se for fé honesta –, embora que a recíproca não seja verdadeira, ou seja, não necessariamente as obras levam à fé. Mas a fé “depende” das obras como a árvore “depende” dos frutos que dá: uma macieira pode não estar frutificando maçãs – por um motivo qualquer –, mas é geneticamente próprio da macieira frutificar maçãs, não uvas, ainda que esteja seca ou com parasitas que a impeçam de frutificar. *A fé enquanto adesão racional e de vontade* às verdades básicas do cristianismo tem já o DNA de bons frutos, ainda que, por conta de parasitas, da terra ou do além, esteja ela

¹⁶ Se “obras” podem ser traduzidas como amor/caridade cristã, as mais belas páginas que jamais havia eu lido sobre o que é o amor/caridade cristão estão no livro de Corção, *A descoberta do outro*, mais especificamente no capítulo *A maior das três*.

¹⁷ A respeito disso, ver a excelente obra de Fabrice Hadjad, *A fé dos demônios, ou a superação do ateísmo*. Campinas: Vide Editorial, 2018.

¹⁸ É triste que o termo “farisaísmo” tenha se tornado sinônimo de fingimento, hipocrisia e incoerência. Mas o fato é que se tornou assim. Contudo, para uma apreciação mais justa sobre o farisaísmo – e de Jesus em relação a ele –, ver Leonard Swidler, *Ieshua: Jesus histórico, cristologia -ecumenismo*. São Paulo: Paulinas, 1993.

infértil em frutificar, ou seja, ainda que ela não se mostre, na vida, na obra, como deve ser. É a tal fé “morta sem obras”, como diz Tiago, mas não diz ele que deixa de ser fé, mas que é fé defunta por não frutificar. Para um cristão “as obras aperfeiçoam a fé”, como diz o texto, mas é a fé a origem das obras que a aperfeiçoam, vinculadas à fé que são feitas. Portanto, a fé, sim senhor, é o que faz, *a priori*, o cristão, mesmo o cristão defunto por não ter obras.

Voltemos à vaca fria: há verdades, para o católico, das quais depende seu ser ou não ser católico. Posso não gostar – quem sabe detestar – do dogma da infalibilidade papal em assuntos de fé e moral em seu magistério desde a cátedra. Mas se não tenho a boa vontade sincera de colocar minha vontade, se sou católico, e minha inteligência em favor, em direção a aderir este dogma como parte irrenunciável de minha fé, serei ainda católico *tout court* ou “católico” entre aspas? Ou, dito de outra forma: é possível ser católico à minha maneira, e escolher, tal qual *self service*, o que me apraz e o que rejeito para ser católico? Não sejamos ingênuos: quase (?) todos nós somos assim, uns mais, outros menos. E, de certa forma, a autonomia das vontades e da razão humana sempre o fizeram deste modo, embora tal cultura da seletividade tenha ganhado contornos jamais vistos em nossa época. Mas a pergunta não é se é ou não é assim. A pergunta é: deve ser assim? Mais, pois a pergunta fundamental é: é honesto que assim seja? Não há aqui uma mentira, ou melhor, desonestidade de fundo que todos carregamos?¹⁹ Se eu digo que fulana é minha mãe, estou a dizer que tenho seu DNA. Posso, em matérias de subjetividade, de verdades provisórias advindas de minha individualidade e autonomia (pois não sou minha mãe), ser bastante diferente dela. Mas não posso negar o DNA, ou seja, pelo DNA não posso negar que sou seu filho, e minhas características biológicas, genéticas, mesmo físicas são apenas o lado mais visível de tal filiação. Ora bem, que o papa use sapatos vermelhos ou pretos, não é DNA da fé cristã, mas que exista um dogma, uma fé estabelecida – mesmo que definida tardiamente – de que o papa é sucessor de Pedro e infalível *ex cathedra* em matérias de fé e moral, é DNA da fé cristã, ainda que o “genoma do dogma” tenha sido mapeado, em sua inteireza, apenas em 1870, o que não significa que ele já não estivesse lá.

¹⁹ O mesmo se dá, guardadas as proporções, com o sermão da montanha (Mt 5-7). Que cristão, santo ou não, consegue, a rigor e com rigor, viver plenamente o que o mestre ensinou? Se Jesus diz “sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48), é porque, de saída, sabe ele que não somos perfeitos, mas que a nós cabe o esforço por buscar tal perfeição. E não era por masoquismo a penitência de grandes santos, pois, se as faziam, era por que se julgavam longe deste ideal. No mais, não entremos em detalhes sobre o famoso sermão. Basta saber que, se pelo escândalo do olho, ou da boca, ou do ouvido, tivéssemos que arrancá-los (Mt 5, 29-30), todos seríamos já cegos, mudos e surdos.

Dei aqui um exemplo dos mais antipáticos para os *avant la lettre* da Igreja, para já começar pelo mais difícil. Mas há outros exemplos, do próprio símbolo dos apóstolos: “que nasceu (Jesus) da virgem Maria”; “ressurgiu dos mortos e subiu aos céus”. E exemplos de fora do símbolo dos apóstolos, mas também da identidade católica: Jesus é totalmente humano e totalmente Deus (sem confusão ou divisão); Maria foi assunta aos céus; Jesus multiplicou pães e peixes e expulsou demônios das pessoas; a eucaristia é o corpo e sangue de Cristo; entre outros. Tudo isso – e o mais – virou símbolo?²⁰ E o que significam – e, mais importante, para onde levam, quais as consequências – as leituras contemporâneas que, em alquimia às avessas, transforma o ouro do real em verdades *apenas* simbólicas? Veja bem: aqui não se trata daquela história de que a compreensão dos dogmas, das verdades da fé, vai, com o tempo, se aclarando, maturando sua interpretação conforme a maturidade teológica da própria Igreja, da teologia e do magistério, sem que com isso se mude o dogma em si. Isto me parece óbvio! O que interessa aqui perguntar é se aqueles que se dizem cristãos, melhor, aqueles que são os representantes oficiais da Igreja, comissionados por ela para a instrução da fé do povo a eles confiada, ainda creem no que diz, *ad litteris et verbis*, as verdades fundamentais, as pedras de toque, angulares, de sustentação do cristianismo católico, ou se apenas creem em reinterpretações destas mesmas verdades que, ao fim e ao cabo, são subterfúgios para – quem sabe? – não crer, de fato, nelas²¹.

Mais clareza? Então, em português claro: “sim, Jesus ressuscitou, mas simbolicamente, no coração de quem tem fé!”; “a virgindade de Maria é apenas metáfora de um mundo novo que nasce a partir dela em Jesus”; “as mentalidades pré-modernas entenderam que Jesus era Deus, mas esta história de essência, substância divina é linguagem filosófica grega que já não se sustenta. Jesus era Deus no sentido de estar muito ligado à vontade de Deus, ser seu representante, portanto, entre nós”; “o inferno é uma invenção antiga, e o purgatório invenção

²⁰ É interessante notar que quanto mais a sociedade, seus valores e verdades, se liquefaz, mais tudo é tido por símbolo, isto é, cada vez a realidade se torna menos tangível à medida que o relativismo torna tudo – acontecimentos históricos, relações humanas, valores – discutíveis, sem opacidade, sem verdades fundamentais. Outra discussão sobre este ponto, que não cabe aqui, é a da relação entre mito e realidade, ou seja, se o símbolo traduz o mito à sua quintessência, há, por outro lado, uma base histórica e tangível que faz o mito ser mais do que símbolo *apenas*?

²¹ Tratei com mais pormenor esta questão no capítulo *Um concílio que conciliou? Feitos e desfeitos do pós Concílio*, no livro *Concílio Vaticano II: o catolicismo de João XXIII a Francisco*, organizado por Mara B. Reis, Paulo V. Zaquieu-Higino e Rodrigo Portella (Cardoso Moreira, Editora Resistência Acadêmica, 2023). Uma versão resumida do capítulo, intitulada *O Pós Concílio e os devaneios de um outsider*, a publiquei em *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, PUC Rio, v. 27, n. 72, 2023, p. 312-335, e que está disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=65198&NrSecao=X2

medieval. Não há mais sentido em crer que um Deus de amor possa admitir um inferno para as pessoas”; “milagres são imagens simbólicas de que Jesus tinha autoridade sobre a vida, mas não são fatos históricos”; “o que a Bíblia nomeia como demônios e possessões são tão somente doenças psíquicas, como hoje as conhecemos”. Os exemplos poderiam se multiplicar, e também as mil versões específicas de cada um deles que, através de interpretações, mirabolantes ou não, tentam aplacar, no fundo – assim desconfio –, a falta de fé de alguns, tentando deixar mais apetecível à nossa razão e vontade aquilo que, na fé cristã – modernos que somos –, nos parece impossível de se assentir em fé como sendo verdades factuais. Enfim, um auto-engodo sutil (e inconsciente?), uma forma de enganarmo-nos de que ainda cremos. Ou, conforme Corção (2017, p. 139-140):

Estamos sós e estamos desesperados nessa solidão. Temos dois caminhos a escolher: ou o Cristo ressuscitou ou não. Ou Ele é o caminho ou não é. Ali está o caminho da negação: se queres desesperar [descrer], desesperemos até o fim. Sejamos desesperados; sejamos pornográficos. Bebamos, comamos e forniquemos. Se tua mulher te cansa, toma outra, *mas não inventes uma teoria*. Farta-te, mas não deixes que a palavra te persiga como a sombra de um Verbo. Não digas nada, farta-te. (...) Ou Deus é ou não é. E se não é, acabou-se; que não seja. E então sejamos abandonados de vez, enfeitados absolutos, atirados nas areias de um deserto, habitantes casuais de um gracejo cósmico. Deixemos epifenômenos e dialéticas; causas e ideias; ciências e artes.²²

Ao ler isso, fico a me perguntar se Nietzsche, filho de pastor luterano, não foi o mais corajoso e honesto dos homens, ou seja, um homem que não se refugiou no inventar teorias para a salvação de supostas seguranças, mas que, em seu desespero, não teve medo em atirar-se ao deserto, e nele habitar.

Mas, enfim, aqui, claro, ainda estou no campo da boa vontade daqueles que ainda usam as mais variadas e sutis muletas teológicas para ainda sustentar algo das verdades católicas que querem crer, ainda que em fé mais “descolada”, num “desbunde” teológico que se quer libertador (libertador do quê? Ou de quem?). Mas há já – e não são poucos – aqueles de também boa vontade que não têm mais o pudor de dizer, à boca pequena e aos mais chegados, que não creem mais nisto ou naquilo, quiçá em tudo. A pergunta é: você se confiaria a um médico que não compreendesse a verdade de que é o coração a bater que

²² O itálico, a destacar, é meu.

bombeia o sangue pelo corpo, e que considerasse o coração apenas um símbolo do amor e um órgão relativo? Faria com ele uma cirurgia cardíaca?²³ Agostinho e Tomás de Aquino, talvez, não a fariam, pois “tudo o que não é segundo a fé é pecado”, diz São Paulo (Rm 14, 23), sobre o que a glosa cita, nestas palavras de Agostinho, que Tomás fez suas: “Onde falta o reconhecimento da verdade, mesmo quando os trajes são excelentes, a virtude é falsa” (Gilson, 2002, p. 477).

Dou, aqui, a palavra a Corção (2019, p. 230):

Ainda mais penosa e ridícula será a situação dos que não renegam explicitamente, diríamos até lealmente, o cristianismo, pretendendo salvá-lo com um *aggiornamento* que consiste, não num estudo mais apurado da teologia e das Sagradas Escrituras, não na evolução homogênea do dogma (...) mas num revisionismo ditado com critérios seculares, como se as verdades cristãs, para as almas modernas, precisassem ser subtraídas por outras mais sincronizadas com a sociologia ou com a paleontologia.

Algo que causou estranheza a muitos católicos há pouco tempo atrás foi, na ocasião da preparação da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) em Lisboa, em 2023, o agora cardeal Américo Aguiar, um dos responsáveis pela organização do evento, dizer publicamente, em alto e bom som, que:

Nós (por ocasião da JMJ) não queremos converter o jovem a Cristo nem à Igreja Católica nem nada disso, absolutamente (...) e que todos entendamos que a diferença é uma riqueza (...) A Jornada Mundial da Juventude de Lisboa é também um grito dessa fraternidade universal. Nós não há pouco tempo tivemos líderes mundiais que defendiam que o diferente é para afastar e dividir, ou seja, a solução do que é diferente é o muro, é um afastamento. E a Jornada Mundial da Juventude tem que ser uma escola, tem que ser pedagógica para o gosto e a alegria de conhecer o que é diferente.²⁴

²³ O que aqui sinalizo não é qualquer tipo de impostura ou coisa que o valha; ao contrário, compreendo que, até prova em contrário, todas as pessoas querem e tentam viver com sinceridade suas vocações e vidas, e que justamente em momentos de crise de fé tentam, igualmente, rever sua fé através de novos argumentos, de novas vagas de compreensão, justamente para melhor entender sua fé e vida, revigora-las e melhor servir aos que estão sob sua responsabilidade. Portanto, justamente a atitude de tentar “salvar” a fé a partir de novas linguagens e de concessões às ciências modernas – particularmente as humanas e sociais – mostra a boa vontade de cristãos que têm, por grande riqueza, a tradição da fé cristã. O que suspeito e sinalizo, apenas, é que embutida nesta boa vontade há, no fundo, um auto-engano, uma falácia não percebida.

²⁴ Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticia/55588/nao-queremos-converter-o-jovem-a-cristo-diz-cardeal-eleito-responsavel-pela-jmj-lisboa-2023>. Acesso em: 21 ago. 2024.

E ainda: “a JMJ nunca foi, não é, nem deverá ser um evento para proselitismos; antes, pelo contrário, é, e deve ser sempre, uma oportunidade para nos conhecermos e respeitarmos como irmãos”²⁵

Nada a opor em que a Igreja – e os cristãos – não deva construir muros, que deva respeitar o diferente, mesmo aprender com o diferente, que deva ser escola para mútuos conhecimentos em atitudes respeitadas, e tudo o mais que tão bem posa aos discursos bem comportados e, de alguma forma, *debole*, como diria Gianni Vattimo.

A questão, aqui, é outra. “Respeito é bom e eu gosto!”, costumamos dizer, e está certo. É uma verdade (olha ela aqui), verdade sólida como a verdade de uma pedra, que se deve respeitar o pensamento e a forma de vida alheias às nossas, e que de forma alguma qualquer tipo de coerção, constrangimento e imposição se justificam. Consequência disso é a verdade de que o cristão não deve construir “muros”, fazer acepções. Tudo isso me parece muito cristão!

Agora, o que se poderia perguntar ao senhor bispo é o seguinte: “não queremos converter o jovem a Cristo, nem à Igreja Católica, nem nada disso, *absolutamente*” (como ainda faz questão de enfatizar)? Mas não foi o seu Mestre a dizer: “portanto, ide, ensinai (“fazei discípulos”, em outra tradução) todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mt 28, 19-20)?

Ou seja, uma das verdades que fundam o cristianismo – e que o faz ser o que é hoje, em números – não é justamente a chamada “grande comissão”, aliás particularmente confiada aos apóstolos e aos seus sucessores? Não é missão da Igreja “fazer discípulos/ensinar de/a todas as nações”, quer dizer, às culturas diversas? Não é para isso que a Igreja foi estabelecida por seu Senhor, para “ensiná-los (aos discípulos e às nações fruto de sua pregação) a guardar todas essas coisas”, isto é, a doutrina do e sobre o Cristo? Ora bolas, Cristo dizia “vem e segue-me” (Mt 19, 21), não é? Nunca obrigou ninguém, é certo, mas fazia abertamente seu convite²⁶. Então era Cristo um proselitista, pois pedia para, quem com ele tivesse contato, que o seguisse; pedia para que os

²⁵ Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2023/07/13/bispo-que-declarou-nao-pretender-converter-jovens-a-cristo-responde-a-pedido-de-esclarecimentos>. Acesso em: 21 ago. 2024.

²⁶ Embora ele não tenha sido muito diplomático com aqueles que não recebiam a pregação apostólica, pois “E enviou-os a pregar o reino de Deus (...) e se em qualquer cidade vos não receberem, saindo vós dali, sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles” (Lc 9, 2; 5).

seus ensinasse as nações, batizando-as, ensinando-as²⁷. Mas seria preciso dar um desconto? Afinal Jesus viveu numa época muito remota, em que não se conhecia, ainda, formas mais civilizadas de respeito aos outros, ficando quieto! Havemos, portanto, de desculpar a Cristo tão pueril e fundamentalista proselitismo de arcaicos tempos desprovidos das luzes modernas?

Hoje, falar em paz, em fraternidade se tornou, – e é bom que tenha se tornado – lugar comum de sensatez. Contudo, é também um discurso fácil e ingênuo, se bem não for refletido e colocado em seu devido lugar. Corção (1974), que desconfiava dos irenismos fáceis, não teve papas na língua em esclarecer – e chocar as almas mais desprevenidas – que:

Ouso dizer que a paz mundial, a paz terrestre, a paz feita de bem-estar e do comodismo, etc... constitui uma das principais preocupações do Demônio. Muito melhor do que nós, ele sabe que a obsessão desse cuidado nos leva ao abandono de qualquer ideal de Bem e Verdade, e diverte-se em saber também que esse é o caminho da mais espantosa explosão de inimizades que o mundo conhecerá. (...) Por incrível que pareça são os pacifistas que pecam contra a Caridade quando querem que todos se unam e se misturem na mesma indiferença em relação à Verdade e ao Bem²⁸.

E, ao interpretar seu pensamento, Barcellos (2020, p. 129) esclarece que “‘fraternidade sem paternidade’ seria uma negação implícita da necessidade do retorno à Casa”.

Retornemos a Jesus. Cristo pedia para segui-lo e para que seus apóstolos pregassem a outros, às nações, e as convertessem, que as batizassem, porque ele se dizia a verdade, e mais, dizia (mas que fundamentalista era ele!) “ninguém

²⁷ Há certas palavras que, no teologuês atual, foram proscritas ou se tornaram politicamente incorretas (mas seriam teologicamente incorretas?). Uma delas é prosélito. É de bom tom dizer que a Igreja não é proselitista. Mas deveria ser? Os judeus, espalhados pelo mundo mediterrâneo e romano, e mesmo além, no século I d.C. faziam proselitismo, tinham nas sinagogas prosélitos. Também os Atos dos Apóstolos o testemunha (2, 10; 6, 5; 13, 43). Por sua vez, o tradicional Dicionário Caldas Aulete define proselitismo como “zelo ou diligência em fazer prosélitos”, e prosélito é assim definido: “pessoa que se converteu, que adotou a religião considerada como verdadeira” (Caldas Aulete, 1964, v. 4, p. 3291). A Igreja Católica, ou melhor, o cristianismo não mais é considerado por ela a “religião verdadeira”? Todas são agora, para ela, iguais ou equivalentes? Não é preciso mais converter e, principalmente, não é mais preciso “zelo e diligência” para atrair pessoas à fé cristã?

²⁸ O que lembra um rabi galileu que disse “Não cuides que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada” (Mt 10, 34), e “Eu vim para trazer fogo sobre a terra e como gostaria que já estivesse em chamas! Cuidai vós que vim trazer paz à terra? Não, eu vos digo, mas antes dissensão” (Lc 12, 49-51). A dissensão se decide justamente na questão da verdade, de aceitar a verdade que Jesus revela e que ele mesmo diz ser.

vem ao Pai senão por mim” (Jo 14, 6). Jesus, parece, era exclusivista! Ou seja, era porque ele tinha uma verdade a revelar, ele mesmo, verdade tida por divina, absoluta, irrenunciável, fundamental, que ele pedia para que os seus fizessem um esforçozinho – “zelo”, conforme consta no Caldas Aulete –, de mostrar tal verdade aos demais, ensiná-los, fazendo-os discípulos seus. Segundo Corção, em conferência de 1953, e em artigo n’ *A Ordem* (Apud Barcellos, 2020, p. 133):

Para o cristão que recebeu a Revelação (...) é ridícula qualquer atitude que fuja à intransigência dogmática (...) eu poderia ter recusado em bloco o Símbolo dos Apóstolos; mas nunca me passou pela ideia a estupidez de aceita-lo em parte (...) Todos concordam que não podemos transigir com o tema, o horário, com o idioma, mas parece que se pode transigir com a Santa Doutrina (...) Dirijo-me aos católicos liberais, e digo-lhes que sua transigência doutrinária prova simplesmente que, para eles, a Religião é a coisa menos importante do mundo (...) Na verdade, a inconsistência moral do catolicismo complacente se explica por uma espantosa subversão: o que se procura nesse tipo de religião é um deus vantajoso.

Portanto a pergunta é: a Igreja, hoje, só tem, para mostrar às pessoas, respeito (e que bom que tem)? Só tem política de boa vizinhança, diplomacia? Já não tem ela uma verdade, um Senhor do universo, um redentor para *explicitamente* – ou para usar o termo usado por Dom Américo – *absolutamente* oferecer? Ou será tudo “respeito humano”, como se diz? Ou seria mesmo vergonha? Afinal, à sociedade secularizada e muitas vezes hostil ao cristianismo, talvez seja de boa figura e politicamente correto dizer que não, a Igreja se demite de, em um grande evento católico, falar que Jesus é a verdade, o caminho de salvação, oferecer com ênfase a verdade que ela (ainda?) crê aos seus convidados. Não seria bom e agradável, à Igreja e principalmente a Deus, que pessoas pudessem reconhecer tal verdade crida através da pregação (“a fé vem pelo ouvir”, Rm 10, 17), e converterem-se à fé cristã? Mas como dizer tal “absurdo” para uma sociedade secularizada? Enfim, o que fazer com estes e outros tantos – são muitos – textos bíblicos incômodos que não se encaixam nas sensibilidades e no *zeitgeist* modernos? Sim, vamos reinterpreta-los à exaustão! Tudo é símbolo, e tudo o que foi dito não queria dizer bem aquilo, ao menos hoje. Esta tem sido a saída? Para Corção, no entanto, como escreve n’ *A Ordem*, “por estranho que seja, o mundo espera que a Igreja esteja no mundo, mas não seja do mundo” (Apud Barcellos, 2020, p. 139).

A partir da lógica expressa por Dom Américo, seria muito escandaloso que, durante a JMJ, um muçulmano e um agnóstico se convertessem ao cristianismo? E um protestante se tornasse católico? Teria, então, a Igreja que

pedir desculpas por tal disparate e tentar demovê-los, em nome do respeito à diversidade, de suas decisões? Já se tornou famosa uma conversa entre Leonardo Boff e o Dalai Lama, em que o famoso teólogo pergunta ao líder budista: “Santidade²⁹, qual a melhor religião?”, ao que Tenzin Gyatso teria respondido: “A melhor religião é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor.”³⁰. Pronto, aqui está, se compreendo bem, a lógica que perpassa, em boa medida, a Igreja atual, isto é, tanto faz a religião, desde que você se sinta, nela, mais próximo de Deus e faça de você um ser humano melhor. Há, aqui, uma verdade: é função da religião, de fato, aproximar, ao máximo, as pessoas de Deus e fazê-las, ao máximo, melhores seres humanos. A pergunta, contudo, é: para a Igreja Católica – ao menos até pouco tempo atrás – qual era essa religião? Qual a religião que, segundo ela, continha as verdades absolutas de Deus e sobre Deus – para melhor aproximar as pessoas d’Ele –, e a que oferecia as verdades fundamentais para uma vida melhor, para um ser humano melhor, para uma humanidade melhor, de acordo com o que cria ser a vontade e leis de Deus? Qual? Não precisamos ser um Sherlock Holmes para responder, não é mesmo? Então, se a lógica do Dalai Lama é correta, e se a Igreja Católica sempre entendeu que o cristianismo católico é o depositário das verdades certas e absolutas sobre Deus e a partir de Deus, como, até para cumprir a lógica do Dalai Lama, não oferecer, explicitamente, estas verdades que julga (ainda julga?) custodiar? Ou estará ela, deliberadamente, a esconder os talentos a ela confiados (Mt, 25, 14-30)? O que dirá e fará seu Senhor quando retornar e pedir contas daquilo que lhe foi confiado? Corção (2019, p. 242), por sua vez, anota que:

No próprio mundo católico espalhou-se a ideia de que nem pela pregação vale a pena lutar: nada de polêmicas, e sim o *diálogo*! Mas que diálogo? Pelo que se vê, esse “diálogo” será um bocejo diante de qualquer pretendida verdade. “O que é a verdade?” perguntou Pilatos. Sem ouvir a resposta, lavou as mãos, introduzindo assim, em lugar do lava-pés, essa rubrica essencial do rito do diálogo moderno³¹.

A suspeita, como se torna patente aqui, é que talvez muitos católicos, hoje, já não creem que o cristianismo – seus dogmas, doutrinas – é verdade fundamental, incontornável, para todos em todas as culturas. Ou creem que

²⁹ O antigo frade teria assim cortejado, com tão grande reverência, o líder de sua própria religião, sendo este, por exemplo, Bento XVI?

³⁰ Desconheço a origem primeira da publicação de tal diálogo. Fato é que está já reproduzida em várias mídias, e aqui a minha referência é: <http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=68> Acesso em: 23 ago. 2024.

³¹ O itálico é de Corção.

as verdades se equivalem, que Deus está *igualmente* em todas as religiões e que o ideal é que cada um continue na sua, sendo um bom budista, hinduísta, muçulmano, etc.³² Assim, se renunciaria à missão do *Querigma*, da pregação explícita de verdades que lhe foram confiadas. Basta agora o testemunho mudo. Sim, a Igreja se faz muda para não ferir as suscetibilidades modernas. Seria isso? Afinal, a quem ela serve; quem é seu mestre? A cultura moderna – e seus dogmas e doutrinas – ou Jesus?

A Igreja não deve erguer muros. Ótimo! Mas em compensação as pontes que deve construir não deveriam ter a sinalização do caminho da verdade e da vida, que Jesus disse ser ele? Não faria bem que nessas pontes houvesse a evangélica sinalização, bem destacada, para as pessoas não se perderem?

Resumindo: quando não mais se acredita, com fé robusta e límpida, nas verdades fundamentais do cristianismo, deixa-se também a hoje incômoda e antipática³³ tarefa de dizer essas verdades, já relativizadas, a outros. Assim

Corção recusava a posição de “Cardeais, arcebispos, bispos, padres e leigos que dizem que ‘a Igreja não é dona da verdade’ dentro de uma faixa de intenções que se estende do simples respeito humano até o repúdio apóstata”. A Igreja seria, sim, dona da verdade, num sentido que importava ressaltar no horizonte do argumento pela ordem da Tradição, que estava sendo confutado pela Hierarquia; a saber, na medida em que a Igreja recebera o mandato de guardar o depósito da fé e celebrá-lo dignamente. A obediência não era devida primeiramente à Igreja enquanto tal, mas a Deus por meio da Igreja, enquanto fiel à Tradição (Barcellos, 2020, p. 291).

E acreditava Corção que “não há progressistas e conservadores (...) há homens e mulheres que se apegam à Fé como a um bem incomparável, e homens e mulheres que trocaram a Fé por ideias próprias, opiniões, evoluções, opções” (Corção, 1969, p. 14).

³² Um esclarecimento: proselitismo, conversão, pregação, nada disso está em desacordo – em tese – com o ecumenismo e o diálogo inter-religioso propugnado pela Igreja Católica nas últimas décadas. A questão é que, até onde sei, para a Igreja participar do diálogo ecumênico e inter-religioso, é pressuposto que ela tenha firmeza e clareza sobre a sua própria fé e verdades cridas, e mesmo a consciência de que tais verdades não são relativizadas por conta do conhecimento dialógico em relação às crenças do interlocutor não católico. Pensar que uma coisa dispensa a outra é, no mínimo, ingenuidade ou má teologia, bem como julgar que, por se ser ecumênico e dialógico, as verdades que se creem como fundamentais são dispensáveis de serem testemunhadas, inclusive oralmente, aos outros, bem como pretender sinceramente que eles cheguem a perceber e aderir a tais verdades cridas como fundamentais e absolutas.

³³ “Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda longanimidade e doutrina (2 Tm 4, 2).

Minha intenção aqui, contudo, não é fazer juízo sobre a fé de ninguém³⁴. O que aqui destaco são as palavras ditas, a mensagem proclamada que, me parecem, têm pouco entusiasmo por saber que uma verdade, por ser ela crida verdade fundamental, não provisória ou relativa, deve ser anunciada, explicitamente, “oportuna e inoportunamente” (conforme o apóstolo), e tanto mais por quem está delegada sua guarda e seu anúncio.

O caso Dom Américo, claro está, é só um *tipo ideal* (para usar o conceito weberiano) que talvez represente miríades de outros casos, no catolicismo atual, que nos dão, infelizmente, o benefício da dúvida sobre se boa parte do clero, episcopado, teólogos, enfim, da Igreja “docente”, ou de seu rosto mais oficial, ainda crê – *stricto sensu*, ou como diria Francisco de Assis a respeito do viver o Evangelho, “sem glosa”, – nas verdades fundamentais e constitutivas da fé cristã. Ou, para chamar Jesus à conversa (Mt 7, 24-27), se a Igreja ainda edifica seu templo na rocha, ou se, com as melhores intenções, o edifica agora na areia da (pós) modernidade cada vez mais líquida ou *debole*. Ou se o único dogma, a única “verdade” de muitos tem sido o espírito – mais que método, o espírito mesmo – histórico-crítico e de desconstrução a fazer completa – ou seria absoluta? – releitura das verdades cristãs a ponto de tudo ser passível de ser o que não era, isto é, de toda a herança de verdades dogmáticas ou fundamentais do cristianismo ser moldáveis conforme a última teoria, e preferencialmente se ela coincide com o espírito das modernidades a acalmar as crises de fé de quem as acolhe, fazendo com que as verdades de fé – tantas tão esquisitas, estranhas e mesmo absurdas às sensibilidades, ciência e razões da modernidade – sejam mais palatáveis para seus usuários, representantes e para o mundo em geral³⁵. Ainda que seja preciso dizer, por sofismas, sutilezas intelectuais ou solecismos teológicos, que uma pedra é uma pedra, mas não é exatamente uma pedra, e que embora seja pedra, não é bem assim pedra, etc.

Como a inspiração deste opúsculo é Corção, darei novamente a palavra a ele:

De início eu poderia dizer que a docilidade ao real [e aqui podemos também substituir real por verdade, posto que termos intercambiáveis], deve ser apanágio dos sábios, teólogos ou filósofos; mas acontece que vários abalos

³⁴ Tal tarefa, graças a Deus, não me compete (ufa!), mas somente a Deus: “Eu sou o Senhor que sonda o coração e examina a mente” (Jr 17, 10a).

³⁵ “Não há coisa pior do que a caricatura do melhor. A meu ver, não há coisa mais incompreensível, mais inexplicável do que o estapafúrdio conúbio entre a moral mundana e aquela que foi selada com o sangue do Salvador. Nossa religião se funda na obra de um Deus louco, apaixonado, sangrento, crucificado” (Corção, 2021, p. 139).

na terra, incêndios e inundações de nosso *brave new world* trouxeram grande desprestígio para os altos níveis da grande sabedoria, de onde desalojaram a supracitada docilidade, deixando em seu lugar um estranho e desdenhoso desembaraço em relação ao também supracitado “real”. Daí o garbo com que aqui compareço com meu título de engenheiro, e mais especialmente de engenheiro que sempre soube usar suas mãos com as diversas ferramentas dos vários ofícios. Sei serrar, limar, torner e aplainar. (...) Este modesto diploma que aqui apresento vale para provar que longamente cursei a escola da pequena sabedoria na qual aprendemos que não só com a cabeça pensa o homem, mas com os pés para tê-los no chão, e com as mãos para sentir a primeira verdade das coisas. Nesta escola aprendi que o pilriteiro só dá pilritos, e insiste em só dar pilritos ainda que o chamemos de *Crataegus oxyacantha*; como também aprendemos que a água molha, o Sol alumia, o fogo queima (...).

Tempos atrás escrevia eu um artigo sobre vários pronunciamentos do robusto Cardeal Suenens, e afligia-me com os disparates do purpurado quando ouvi da sala contígua os rumores que fazia um eletricitista na perseguição de um insidioso curto-circuito em nossa instalação. Honrado eletricitista! Pensei eu com meus botões, você sabe que tem de obedecer à natureza das coisas, sabe que deve tratar o cobre de uma maneira, o chumbo de outra, e o plástico isolante de uma terceira maneira. Cada coisa é o que é, e o bom eletricitista sabe, por outras palavras mais singelas, que deve ser dócil ao real, que deve ser atento, e sobretudo sabe que os equívocos têm consequências. Se trocar os fios, se ligar errado, ele logo verá o clarão e ouvirá o estrondo do curto-circuito, e logo terá que mudar os fusíveis. O Cardeal Suenens, pelo que se depreendia facilmente de sua entrevista, não parece saber que os erros são consequentes, e que há clarões e estrondos muito mais graves do que o de um curto-circuito caseiro (Corção, 2020, p. 63-64).

A ortodoxia como realidade incontornável

Outro dia me foi enviado o vídeo de uma recente palestra de Marilena Chauí na USP³⁶. A famosa professora de filosofia falava que, em sua obra mais recente que estava a divulgar, da filosofia romana havia dado um salto direto para a Renascença, deixando de lado a Idade Média, por ser ela desprezível – segundo Chauí – enquanto apenas apologia do cristianismo. Contudo, em sua palestra, desenvolveu, em tom acusatório e novidadeiro, muitas coisas a quererem ilustrar – na “leitura” que faço da palestra – a frágil falácia do cristianismo, recorrendo a acontecimentos e ideias tomados por contraditórios

³⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1MB0qX004E>. Acesso em: 22 ago. 2024.

do período primitivo e patrístico da religião cristã³⁷. Até aí nada de novo sob o sol, pois é bem conhecida a “tolerância” que demonstram com o cristianismo as pessoas de ilustre verve tolerante, pluralista e não preconceituosa dos círculos bem-pensantes da intelectualidade.

O que pretendo destacar, entretanto, é um detalhe. Uma das críticas de fundo ao cristianismo (ou seria, por extensão, à religião em geral?), era a de que a chamada ortodoxia cristã, por ser entendida como de origem revelatória divina, destruía ou censurava, intolerantemente, todo o pensamento heterodoxo, vale dizer a liberdade de pensamento, a subjetividade humana. Ou seja, em nome de verdades divinas, tudo o que, no âmbito das ideias fugisse a tais verdades, era tido por heresia a se combater. E defendia, claro, a liberdade da heterodoxia. Até aí a eminente intelectual também não disse novidade. Contudo, a lógica, vale dizer, a verdade da lógica é sempre incontornável, a nos espreitar na primeira esquina. Defendendo a heterodoxia como a *norma* da boa humanidade, não defendia ela uma ortodoxa verdade (a verdade da heterodoxia)? Ao sugerir que a heterodoxia é mais decente, mais humana, mais libertária, mais justa, não está a se afirmar uma verdade – que se quer fundamental – sobre ela? E ao dizer que as ortodoxias divinas e eclesiais são detestáveis, intolerantes, desumanas, não é esta uma afirmação ortodoxa, que faz da ortodoxia cristã uma heresia censurável nas fogueiras das inquisições acadêmicas contemporâneas? Não é o mesmo jogo maniqueu, jogado às avessas? Resumindo: quem diz que não existem verdades absolutas, ao afirmar isso como certo, não está a dizer uma verdade absoluta?

O fato é que estamos sempre a dizer verdades, pequenas ou grandes. Dizer que o meu dedo dói, se está a doer, é, pelo avesso, dizer que ele não está sem dor. E, se doendo, eu dissesse que não está a doer, faltaria eu com a verdade, e diria mentira a me enganar. O que vale para o dedo, pequeno que é nas pequenezas de nossas vidas, vale também, guardadas as devidas dimensões, para tudo o mais. Dizer que o caminho correto da filosofia é a heterodoxia, é afirmar algo como certo, como verdadeiro, e ao dizê-lo, diz-se, mesmo sem o som, que o contrário à heterodoxia é falso. Afirmar que o que vale é o pluralismo, é afirmar algo singular, é dizer uma verdade que contradiz o próprio conceito defendido. É sempre aporia, rua sem saída. Ou seja, dizer

³⁷ Sublinho o tom “novidadeiro” porque o que ela ia dizendo – a parecer grandes descobertas que jogavam abaixo qualquer pretensão cristã de ser sua doutrina de origem divina –, é já, e há bastante tempo, sobejamente conhecido na teologia, bem como para qualquer cristão de mediana e boa instrução cristã. Mas talvez para uma plateia de pessoas que só sabem do cristianismo por “ouvir dizer” e que ignoram completamente os estudos acadêmicos teológicos atuais, e que em sua maioria nunca põs os dois pés, à sério e bem fincados, em uma Igreja, o que estava a se “revelar” ali era uma verdadeira epifania a desmascarar os pobres e ignorantes cristãos.

verdades, ser ortodoxo de alguma forma, me parece inevitável, e inevitável porque a estrutura do mundo e da vida implica dualidades – *apesar dos vários matizes entre elas* –, que inevitavelmente joga com contrários, verdade e mentira, sol e lua, terra e água, escuro e claro, mulher e homem, vida e morte, frio e calor, polos positivo e negativo, norte e sul, leste e oeste, força e fraqueza, doença e saúde, etc.

A partir de tudo o que até agora foi exposto, a pergunta que não pode deixar de ser feita é: como lidar com o que não é verdade, seja em que campo da vida for?

Uma coisa que aprendi, com o tempo e através de duras experiências, é a não tolerar a mentira. Também aqui há muitas grandezas e pequenezas – como em tudo o mais – e mesmo na teologia moral católica discutem-se algumas dificuldades e “pepinos” sobre o assunto³⁸. Mas, *grosso modo*, é preciso dizer que há coisas, como a mentira, que não podem ser toleradas – as formas de demonstrar intolerância a ela é que são variadas e sujeitas a juízos vários –, pois que prejudicam as pessoas, a sociedade, o planeta, enfim, o mundo (e a teologia acrescentaria: ofenderiam a Deus, origem da verdade). Aqui está a razão da intolerância: o combate a tudo que prejudica a vida e que falseia a verdade. Ou, no dizer do Doutor Angélico, ainda na introdução à sua *suma* contra os gentios (1990, p. 20 [I, 5]):

Pertence, com efeito, ao que aceita um dos termos contrários, refutar o outro, como, por exemplo, acontece na medicina: esta trata da saúde e afasta a doença. Portanto, como pertence ao sábio considerar principalmente o primeiro princípio e discorrer sobre os outros, pertence-lhe também impugnar o erro contrário.

A palavra intolerância é feia para os tempos que correm. Não fica bem se colada à boca ou à pena de espíritos iluminados. Parece mesmo ter feitos de crime. Mas quando pensamos no homicida, no estuprador, no corrupto, no homofóbico, no misógino, as roupas que vestem a palavra intolerância ganham novas cores. É natural (?) ser intolerante com o crime e com o criminoso, com

³⁸ Por exemplo, as circunstâncias devem influir no dizer a verdade ou dizer uma mentira? A um doente terminal – que desconhece seu estado de saúde –, que tem temperamento depressivo e é muito suscetível, caso ele pergunte sobre sua saúde, é mais aconselhável, para seu próprio bem e combate à doença, mitigar a verdade, mesmo mentir? Também há o caso dos “jesuitismos”: se escondo em minha casa um refugiado inocente, perseguido por um tirano, e ao perguntar-me o tirano se tal pessoa está em minha casa, devo disfarçar a verdade, dizê-la não a dizendo, mitigá-la ou mesmo mentir por causa da preservação da vida do inocente? Qual o valor, quer dizer, a verdade maior neste caso: a verdade da transparência (“sim, sim; não, não” Mt 5, 37) ou o ocultamento da transparência para a preservação de uma vida? Mas, claro, são casos muito específicos que em nada diminuem a regra.

o homicídio e com o homicida, com o estupro e com o estuprador, com a corrupção e com o corrupto, com a homofobia e com o homofóbico, com a misoginia e com o misógino, ou com o golpe de Estado, com a trapaça, com a quebra das justas regras. Não se pode tolerar tais abusos e monstruosidades. Sinal de que, por mais que relativizada, existe na pessoa, sempre, – porque é próprio de sua natureza – um sentido de ordem, de certo e de errado, de bom e de ruim, de humano e de desumano, de verdade e mentira. Em tais horas os relativistas deixam em suspenso seu espírito de relativismo e, talvez sem o saber ou desconfiar, intuem que há uma natureza humana e uma ordem civilizacional que pressupõe tal natureza, tal ontologia, tal verdade.

O caso da mutilação genital feminina em alguns povos da África é um bom exemplo disso. Se a antropologia, nas suas modernas versões, põe o acento no relativismo cultural, pontificando que não há cultura melhor ou pior, e que as tradições e costumes de cada povo devem ser respeitados, evitando-se qualquer veio de etnocentrismo ao se julgar a cultura alheia, no caso da mutilação genital feminina parece haver um mal estar. É desumano? E o caso da escravidão, culturalmente aceita por povos e culturas de ontem? É humano? O limite de todo relativismo, seja ele qual for, está no lugar que ocupamos. Estudar a escravidão, e até justificá-la por qualquer princípio, é uma coisa. Ser escravo é outra coisa bem diferente. Realizar um estudo etnográfico sobre as diferenças culturais, às vezes muito profundamente diversas da minha, e respeitar a cultura do outro, é uma coisa. Ser a menina mutilada, ou a menina obrigada a casar com quem odeia, ou ser o feto expulso da vida, é outra coisa muito diferente.

O que o cristianismo compreendeu – às vezes paulatinamente, entre erros e acertos –, como lei natural, como uma natureza dada e essencial ao ser humano, à humanidade, à ordem da natureza (e, nela, nós) é justamente o considerar que há uma verdade essencial que independe das construções culturais dos povos, que está acima delas, que não pode ser manipulada ou reformada, reconstruída arbitrariamente pelas idiossincrasias culturais, temporais ou pessoais, assim como, em nossa atmosfera, a gravidade não pode ser ab-rogada por ter eu outro entendimento, pessoal ou coletivo, sobre o peso dos corpos em relação ao ar. No mundo dos quadrinistas e cineastas, dos romancistas e poetas, pode haver mulheres que voam e homens que flutuam no ar, super-heróis e feitos fantásticos. Mas há uma realidade, uma verdade, que por ser verdade e real, não pode ser transposta fora da fantasia. Para a invenção de uma nave que voa – o avião – o inventor teve que, antes, conhecer a verdade, a natureza das coisas aeroespaciais, da física e de tudo o mais que restringia e condicionava a invenção que desafiava essa mesma verdade e realidade. E, afinal, vemos que não houve aqui cizânia, duelo, vencedor e vencido. O que

houve foi harmonia, ordem. Foi porque o inventor soube decifrar a ordem do real, a natureza do ar e a da matéria, a verdade de tais coisas, é que pôde inventar um aparelho que se conciliasse com tal natureza para poder voar.

Conclusão

Ora bem, e o que significa tudo isso em nossa prosa? Quer significar que assim como reconhecemos que há verdades – morais e físicas – às quais precisamos nos adaptar para viver, independente de nossa vontade e subjetividade, também há, para quem se diz cristão e católico, verdades irrenunciáveis, absolutas, certas (porque cridas vindas de revelação do próprio Deus), que não deveriam aceitar maquiagens, recomposições, ajustes, modelagens que, sob a justificativa de atualização de sua mensagem, ao fim e ao cabo a desfigurassem, deixando suas aparências, mas transformando suas essências, seu núcleo por assim dizer. Enfim, verdades travestis, pois travestidas acabam por se tornar irreconhecíveis. Se não se deve tolerar verdades desvirtuadas da física – se não o avião não sobe, ou pior, cai –, e se não se deve tolerar verdades desvirtuadas por subjetividades ou espíritos (pós) modernos da hora –, se não quem cai é a sociedade, todos nós, se achamos normal o homicídio, o estupro e a homofobia –, muito mais, penso, o cristão não deveria tolerar que o que de mais verdadeiro e sagrado tem ele em sua vida, o sentido de tudo, que ele reconhece em Deus e nas verdades de sua tradição cristã, se torne algo que eles não são. Pois quando se trata de verdades, e mais ainda de verdades fundamentais relativas a Deus, sua revelação, seu conhecimento e sua vontade, meia palavra, como diz o ditado, não basta. É preciso a palavra inteira, a verdade em sua inteireza, sem subterfúgios.

E o mesmo – guardadas as devidas proporções – se diga da busca do conhecimento acadêmico, sobre qualquer tema e em qualquer campo do saber. Se o acadêmico, em suas pesquisas, não tem, ao menos, a intenção, a vontade, de se deparar com a verdade fundamental e irrenunciável sobre o assunto de sua pesquisa – ou se acha que tudo é relativo –, então para que pesquisar? Para dar uma opinião? Para exercitar subjetividades?

Já diziam os antigos: *dura lex, sed lex*. O mesmo se diz da verdade! Não sou eu que devo fazer a minha verdade, construí-la ao gosto meu, arrimada por minhas vontades e interesses. Tais verdades estariam sempre sob a suspeição de conflito de interesses. No mais, definitivamente eu não sou confiável! E quem é? Somos uma breve poeira que mal passa por este mundo e o sente; somos como a flor ou relva do campo (1 Pe 1, 24), ainda que Deus cuide de nós em nossa fragilidade, na qual, por causa de seu cuidado, somos mais ricos do que Salomão (Mt 6, 28-30). Menos que isso é moeda falsa. E o perigo da moeda falsa é justamente parecer-se com a verdadeira!

Referências

- AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios*. v. 1. Porto Alegre, EST, UCS, Sulina, 1990.
- AURÉLIO. *Míni Aurélio*. 7. ed., Curitiba: Editora Positivo, 2009.
- BARCELLOS, Marcos Cotrim de. *Gustavo Corção: a crítica do amor puro*. Niterói: Permanência, 2020.
- CALDAS AULETE. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- CORÇÃO, Gustavo. *A descoberta do outro*. Campinas: Vide Editorial, 2017.
- CORÇÃO, Gustavo. *Claro Escuro*. Campinas: Vide Editorial, 2021.
- CORÇÃO, Gustavo. *Dois amores, duas cidades*. Campinas: Vide Editorial, 2019.
- CORÇÃO, Gustavo. Em defesa da fé. *Permanência*, n. 11/12, ago./set. 1969.
- CORÇÃO, Gustavo. *Lições de Abismo*. Campinas: Vide Editorial, 2018.
- CORÇÃO, Gustavo. Livrai-nos Deus de nossos inimigos. *O Globo*, 25/07/1974.
- CORÇÃO, Gustavo. *O século do nada*. Campinas: Vide Editorial, 2020.
- GILSON, Etienne. *El Tomismo: Introducción a la Filosofía de Santo Tomás de Aquino*. Pamplona: EUNSA, 2002.
- HOUAISS, Antonio. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JOHNSON, Allan. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- KLEIN, Cristina. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Rideel, 2015.
- LAROUSSE. *Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Seleções*. Lisboa; Rio de Janeiro; Nova Iorque: Editora Larousse, 1982.

Artigo recebido em 28/08/2024 e aprovado para publicação em 16/09/2024

Como citar:

PORTELLA, Rodrigo. A verdade nos tempos da insolidez. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 309-346, jul./dez. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i46-2024-9>